



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE MEDICINA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EUGÊNIO HENRIQUE VILELA SILVA
THAÍS ROCHA GOMES BATISTA

**O USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS POR
ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

Campina Grande - PB

Setembro de 2018

EUGÊNIO HENRIQUE VILELA SILVA
THAÍS ROCHA GOMES BATISTA

**O USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS POR
ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser
apresentada à Coordenação do Curso de
Medicina da Universidade Federal de Campina
Grande, em atenção à resolução CCBS
nº04/2010.

Orientadora: Dr^a Maria das Graças Loureiro das Chagas Campêlo

Campina Grande – PB

Setembro 2018

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial do HUAC - UFCG

5586u

Silva, Eugênio Henrique Vilela.

O uso de medicamentos psicotrópicos por estudantes de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande / Eugênio Henrique Vilela Silva, Thaís Rocha Gomes Batista – Campina Grande, 2018.

75f.; il.; tab.

Monografia (Graduação em Medicina) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Unidade Acadêmica de Ciências Médicas, Curso de Medicina, Campina Grande, 2018.

Orientadora: Maria das Graças Loureiro das Chagas Campêlo, Dra.

1. Estudantes de Medicina. 2. Uso de medicamentos psicotrópicos. 3. Profissionais de saúde. 4. Adoecimento dos profissionais de saúde. I. Batista, Thaís Rocha Gomes. II. Título.

BSHUAC/CCBS/UFCG

CDU 616.89(043.3)



ANEXO VI

Ata da Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Às 9:40 horas do dia 12/12/18, nas dependências do Hospital Universitário Alcides Carneiro, da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, realizou-se a defesa do TCC intitulado:

O uso de medicamentos psicotrópicos por estudantes de medicina da UFCA

de autoria do(s) aluno(s):

Eugênio Henrique Vilela Silva
Thais Rocha Gomes Batista

sendo orientados por:

Monica dos Santos Loureiro dos Anjos Campos

E Co orientador:

Estiveram presentes, os seguintes componentes da Banca Examinadora:

Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Iniciados os trabalhos, o Presidente da Banca Examinadora, Professor(a) Orientador(a) sorteou o aluno:

Thais Rocha Gomes Batista

passando a palavra ao mesmo para iniciar a apresentação, que teve 30 minutos para fazê-lo. A apresentação durou 30 minutos, após a qual foi iniciada a discussão e arguição pela Banca Examinadora. A seguir, os discentes retiraram-se da sala para que fosse atribuída a nota. Como resultado, a Banca resolveu aprovar o trabalho, conferindo a nota final de 10,0. Não havendo mais nada a tratar, deu-se por encerrada a sessão e lavrada a presente ata que vai assinada por quem de direito.

Campina Grande, 12/12/18.

Orientador

Monica dos Santos Loureiro dos Anjos Campos

Titular 1

Tatiana Almeida

Titular 2

Suplente

Edmundo de Oliveira Gaudêncio

Dedicamos esse estudo aos nossos pais, que acreditaram na nossa vitória mais dos que nós mesmo, sendo apoio e incentivo antes e durante nossa graduação.

Agradecemos a Deus por nos proporcionar meios para chegarmos até aqui, aos nossos pais por todo o suporte e amor que nos dedicaram, à nossa orientadora Dra. Graças que acatou nossas ideias ainda imaturas de maneira sempre receptiva e paciente, à nossa colega Bianca Buriti que nos incentivou na idealização desse projeto e à nossa banca examinadora, composta pelos nossos mestres Edmundo Gaudêncio, Luciene Paz e Tatiana Almeida, que prontamente aceitou estar conosco nessa etapa tão importante.

RESUMO

O uso de medicamentos psicotrópicos pela população geral tem crescido ao longo dos anos, por diversos fatores desencadeantes de adoecimento mental na contemporaneidade acrescido ao abuso e automedicação. Dentre os acadêmicos de medicina, em grande parte jovens que lidam com diversas mazelas e pressões externas e internas, essa realidade não se mostra diferente. Devido a isso, o estudo buscou delinear quantitativamente o uso de medicamentos psicotrópicos dentre os estudantes de medicina da Universidade Federal de Campina Grande, bem como entender alguns dados sobre esse uso, como a indicação, o prescritor, o tratamento conjunto com psicólogos, alguns dados sobre a população estudada, como gênero, cidade de origem antes de iniciar a faculdade, e um esboço de fatores que poderiam agravar o adoecimento mental ao longo dos doze semestres do curso. Para isso, foi utilizado um questionário autoaplicável e análise estatística simples dos dados colhidos. A amostra foi composta por 354 estudantes, do primeiro ao décimo segundo semestre, sendo 172 do sexo masculino e 182 do sexo feminino. Observou-se uma prevalência de 30% de uso de psicotrópicos entre os estudantes, mais frequente entre mulheres e entre os alunos dos últimos semestres, sendo os antidepressivos os medicamentos citados mais vezes. A maioria dos estudantes que nunca utilizaram psicotrópicos acredita que já precisou de ajuda de um especialista, devido a fatores como ansiedade, estresse e humor deprimido; contudo, os mesmos afirmaram, em maioria, que não procuraram ajuda. Concluiu-se que o uso de psicotrópicos entre os estudantes de medicina da Universidade Federal de Campina Grande é alto, e que medidas de promoção de saúde mental dessa população devem ser tomadas pela comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Estudantes de medicina; Uso de medicamentos psicotrópicos; Profissionais de saúde; Adoecimento dos profissionais de saúde.

ABSTRACT

The use of psychotropic medications by the general population has increased over the years, due to several factors triggering mental illness in contemporary times plus abuse and self-medication. Among the medical scholars, largely young people who deal with various ills and external and internal pressures, this reality is not different. Due to this, the study sought to delineate quantitatively the use of psychotropic drugs among the medical students of the Federal University of Campina Grande, as well as to understand some data about such use, such as indication, prescriber, joint treatment with psychologists, some data on the population studied, such as gender, city of origin before starting college, and a sketch of factors that could record mental illness throughout the twelve semesters of the course. For this, a self-administered questionnaire and simple statistical analysis of the data collected were used. The sample consisted of 354 students, from the first to the second semester, with 172 males and 182 females. A prevalence of 30% of psychotropic use among students was observed, more frequent among women and among students of the last semesters, with antidepressants being the drugs most frequently cited. Most students who have never used psychotropic drugs believe they have needed expert help because of factors such as anxiety, stress, and depressed mood; however, the majority said that they did not seek help. It is concluded that the use of psychotropics among medical students of the Federal University of Campina Grande is high, and that measures of mental health promotion of this population should be taken by the academic community.

Keywords: Medical students; Use of psychotropic drugs; Health professionals; Deterioration of health professionals.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Distribuição numérica e percentual dos participantes por semestre em curso.	17
Tabela 2 -	Frequência dos estudantes quanto ao sexo e o semestre em curso.	17
Tabela 3 -	Frequência do uso atual ou prévio* de medicamentos psicotrópicos segundo o sexo.	20
Tabela 4 -	Distribuição do uso de medicamentos psicotrópicos e a mudança de cidade.	21
Tabela 5 -	Distribuição numérica das classes de medicamentos citados pelos participantes.	22
Tabela 6 -	Ansiolíticos mais citados pelos participantes.	23
Tabela 7 -	Sub distribuição numérica das classes de medicamentos citados pelos participantes.	23
Tabela 8 -	Distribuição numérica do período do tempo de uso dos medicamentos.	24
Tabela 9 -	Distribuição numérica do período do tempo de uso dos medicamentos.	24
Tabela 10 -	Distribuição numérica do período do tempo de uso dos medicamentos.	25
Tabela 11 -	Relação entre uso do psicotrópico e obtenção de melhora clínica.	27
Tabela 12 -	Frequência de procura por análise/terapia dentre os usuários atuais ou prévios* e não usuários de medicamentos psicotrópicos.	27
Tabela 13 -	Motivo da necessidade/essencialidade do uso dos psicotrópicos dentre os participantes usuários.	28
Tabela 14 -	Causas do adoecimento psíquico dentre os participantes usuários de medicamentos psicotrópicos.	28
Tabela 15 -	Justificativa da possível necessidade de uso de psicotrópico dentre os participantes não usuários.	30
Tabela 16 -	Motivos da necessidade de ajuda profissional dentre os participantes não usuários de medicamentos psicotrópicos.	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Distribuição dos participantes por sexo.	18
Figura 2 -	Uso de medicamentos psicotrópicos por semestre em curso	19
Figura 3 -	Frequência do uso de medicamentos psicotrópicos por sexo	19
Figura 4 -	Distribuição do uso de medicamentos psicotrópicos por faixa etária	20
Figura 5 -	Distribuição do uso de medicamentos psicotrópicos e a mudança de cidade	21
Figura 6 -	Distribuição numérica das classes de medicamentos citados pelos participantes	22
Figura 7 -	Distribuição percentual da orientação de uso/prescrição médica do psicotrópico	25
Figura 8 -	Diagnósticos sindrômicos dos entrevistados.	26
Figura 9 -	Consideração do uso de psicotrópicos pelos participantes não usuários	29
Figura 10 -	Necessidade de ajuda profissional dentre os participantes não usuários de medicamentos psicotrópicos.	30

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	09
2.	JUSTIFICATIVA	11
3.	OBJETIVOS	12
3.1.	OBJETIVO GERAL	12
3.2.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
4.	REVISÃO DE LITERATURA	12
4.1.	O USO DE PSICOTRÓPICOS	12
4.2.	A CARREIRA MÉDICA	13
4.3.	SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA	14
5.	MÉTODOS	15
5.1.	DESENHO DE ESTUDO	15
5.2.	LOCAL E PERÍODO DE ESTUDO	15
5.3.	POPULAÇÃO DE ESTUDO	15
5.4.	CRITÉRIO DE SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	15
5.5.	COLETA DE DADOS	15
5.5.1.	Instrumento para coleta	15
5.6.	PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	15
5.6.1.	Processamento dos dados	15
5.6.2.	Análise dos dados	16
5.7.	ASPECTOS ÉTICOS	16
5.7.1.	Consentimento livre e esclarecido	16
5.7.2.	Benefícios e não maleficência	16
5.7.3.	Conflito de interesse	16
5.7.4.	Materiais e orçamento	16
6.	RESULTADOS	17
6.1.	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	17
6.2.	USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS	18
6.3.	RELAÇÃO DE USO DE PSICOTRÓPICOS E SEXO	19
6.4.	RELAÇÃO DE USO DE PSICOTRÓPICOS E FAIXA ETÁRIA	19
6.5.	RELAÇÃO DE USO DE PSICOTRÓPICOS E MUDANÇA DE CIDADE	20
6.6.	CLASSIFICAÇÃO DOS MEDICAMENTOS UTILIZADOS	21
6.7.	ÉPOCA DO USO DE PSICOTRÓPICOS	24
6.8.	QUEM PRESCREVEU?	25
6.9.	DIAGNÓSTICOS	26
6.10.	A RESPEITO DO TRATAMENTO	26
6.11.	RESPOSTA AO TRATAMENTO <i>VERSUS</i> PRESCRITOR	27
6.12.	PSICOTERAPIA	27
6.13.	MOTIVOS DE USO DE PSICOTRÓPICOS QUE EXTRAPOLAM OS DIAGNÓSTICOS	28
6.14.	DENTRE OS QUE NÃO USAM PSICOTRÓPICOS	29
7.	DISCUSSÃO	31
8.	CONCLUSÃO	38
9.	REFERÊNCIAS	40
10.	APÊNDICE	49
11.	ANEXO	50

1. INTRODUÇÃO

O século XX encerrou-se trazendo consigo as maravilhas de um mundo movido pela revolução tecnológica, com indústrias e mercados que acionam economias criando mais postos de trabalho, mais consumo de bens e serviços. As predições das pesquisas científicas do século XX apontavam no sentido de que os indivíduos no início século XXI desacelerariam, fato conseqüente à busca pela qualidade de vida, cuidando da própria ecologia humana, buscando estabilidade emocional, investindo na sua rede de pertencimento a fim de evitar os desgastes provocados pelo modelo social (pós) moderno, bem como reorganizar a vida profissional a fim de evitar os adoecimentos advindos de patologias laborais. No entanto, o homem (pós) moderno permanece vítima das patologias relacionadas ao trabalho, não só por conseqüência de sua ocupação laboral, mas também por não saber lidar com efeitos causados pelo impacto da vida profissional na vida social/pessoal.¹

As cargas de trabalho são elementos que interatuam dinamicamente entre si e o corpo do trabalhador, gerando processos de adaptação que se traduzem em desgaste e estresse para o organismo.⁴ O desgaste que o trabalhador é submetido no ambiente laboral é um dos fatores mais significativos no aparecimento de doenças pautadas em estímulos estressores, vividos nesse ambiente. A literatura aponta que existem correlações entre o desempenho de tarefas e doenças psíquicas, mais precisamente, a depressão.^{5, 6} No Brasil, pelo menos 30% da população economicamente ativa já atingiu algum estado de estresse causado por pressão excessiva no seu ambiente laboral, este percentual de profissionais fica atrás somente do Japão (70%) e ultrapassa os Estados Unidos (20%), estado este associado ao desenvolvimento de um conjunto de perturbações orgânicas e psíquicas variadas.^{2, 3}

Para Selye (1959), o estresse é uma síndrome caracterizada por um conjunto de reações que o organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que dele exija um esforço para se adaptar.⁸ Já para Lipp (1996), tudo

que cause a quebra da homeostase interna, que exija alguma adaptação, pode ser chamado de um estressor.⁹

Os estudantes de medicina encaram o “pesar” da responsabilidade e do estresse antes mesmo de ingressarem nas universidades, ao serem submetidos aos processos seletivos com elevadas pontuações e taxas de concorrências.^{11, 17, 18} Em busca da aprovação nos processos seletivos, muitos submetem suas pontuações em universidades de diversas regiões do país e findam residindo e transcorrendo o período da graduação longe de familiares e/ou pessoas com as quais mantem vínculos de afeto, apoio e confiança.^{14, 19}

Embora a graduação de medicina não seja, de fato, uma atividade laboral, atrela à formação acadêmica dos estudantes a atuação frequente, senão diária, em locais de atendimentos à saúde como hospitais, unidades básicas de saúde, serviços ambulatoriais, unidades de pronto atendimento, nos quais os discentes passam a ter contato frequente com os enfermos e as diversas questões éticas, burocráticas, psicológicas, administrativas e de saúde pública que envolvem o processo do adoecer e do cuidar.^{17, 18} Estudos apontam que os profissionais da área de saúde são afetados direta e diariamente na convivência e trabalho com os doentes, doenças e os diversos sentimentos neles envolvidos, o que se constitui em um processo desgastante e estressante, fazendo-se necessário a articulação de mecanismos de defesa, conscientes ou não, para que a doença e o sofrimento do outro não interfiram na saúde psíquica e física do trabalhador.^{6, 10, 15} No entanto, nem sempre tais mecanismos são eficazes nos contextos aos quais são submetidos e o trabalhador tende a apresentar alterações principalmente relacionadas ao humor, o qual pode se manifestar depressivo ou irritável.^{5, 6}

Os estudantes são submetidos à responsabilidade do cuidar antes mesmo de deterem o conhecimento necessário para o fazer¹⁹ e, embora sejam assessorados por profissionais da área que os supervisionam e orientam, o contexto do encarar o sofrimento do outro, somado à vasta quantidade de

conhecimento necessário para a resolução do quadro do enfermo e a cobrança do conjunto enfermo-família, resulta em estresse, frustração, ansiedade e auto cobrança excessiva por parte do discente.^{12, 16} Esse leque de sentimentos associado à extensa carga horária imposta pela graduação do curso resulta no desgaste físico e psíquico dos estudantes e, conseqüentemente, no surgimento de distúrbios do humor, do sono, alimentares, dentre tantos outros.^{13, 14, 21}

Diante desse contexto destaca-se a importância da análise dos fatores desencadeantes do adoecimento psíquico dos estudantes de medicina e o possível impacto desses na queda do desempenho acadêmico e qualidade de vida destes,^{20, 21, 22} desencadeando, por sua vez, a necessidade ou abuso indiscriminado do uso de medicações psicotrópicas. Diversos estudos e pesquisas já evidenciam a carga excessiva de estresse vinculada aos acadêmicos de medicina^{11, 13, 14, 16} e o conseqüente abuso de substâncias psicoestimulantes,^{21, 22} outros tantos demonstram a notória associação dos profissionais da área de saúde com doenças psíquicas vinculadas aos desgastes nas profissões,^{5, 7, 10, 12, 15} mas até o momento poucos fazem referência ao adoecer mental dos “graduandos estressados” futuros profissionais da “área desgastante”.

2. JUSTIFICATIVA

Os estudantes da graduação de medicina lidam com a responsabilidade e o estresse antes mesmo de ingressarem nas faculdades e universidades, ao serem submetidos aos processos seletivos com elevadas pontuações e taxas de concorrências. Ao ingressarem no curso se deparam com uma rotina desgastante, cerrada pelas extensas cargas horárias, atividades a serem cumpridas e estudos a serem efetivados, muitos sem terem o convívio e apoio familiar diário, por residirem longe de suas cidades de origem. Ao longo da graduação os estudantes são ainda submetidos ao contato diário com as complexidades do adoecer e do sofrer humano nos ambientes de atuação dos profissionais de saúde, que sabidamente estão entre as classes de

trabalhadores com maiores índices de desenvolvimento de patologias laborais em decorrência do estresse e desgaste físico e mental.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Descrever a frequência do uso medicamentos psicotrópicos, a exemplo de antidepressivos, ansiolíticos, indutores do sono, estabilizadores do humor, hipnóticos, sedativos, dentre os estudantes de medicina da Universidade Federal de Campina entre os 1º (primeiro) e 12º (décimo segundo) períodos da graduação.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o perfil sociodemográfico em relação a idade, gênero, período em curso, cidade de origem versus residência dos participantes;
- Identificar a frequência do uso de psicotrópicos referentes aos períodos em curso e;
- Identificar os fatores que levaram ao uso dos psicotrópicos, a classe do medicamento utilizada, o tempo de uso, quantos fizeram tratamento não farmacológico.

3.3. HIPÓTESE:

Identificar a frequência do uso de medicamentos entre os graduandos, de modo a correlacionar o uso dessas medicações com possíveis adoecimentos psíquicos desses estudantes e tentar identificar o momento de surgimento dessa patologia bem como os fatores contribuintes desta. Em segundo plano identificar se existe a associação entre a detenção de parte conhecimento médico-farmacológico e o abuso ou automedicação com drogas que exigem prescrição médica com retenção de receita; e a procura de ajuda médica e/ou psicológica ao perceber a sobrecarga/adoecimento psíquico.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. O USO DE PSICOTRÓPICOS

“Aos sete anos, o metilfenidato compensava aquele atraso de aprendizagem. Aos quinze, os moduladores de humor reduziam a irritação e os acessos de raiva. A depressão que acompanhou a entrada da faculdade somou três medicações nas costas, fora o benzodiazepínico no bolso para esquecer ataques de pânico. Com o trabalho e suas preocupações, veio o indutor de sono. Enquanto investigamos bipolaridade ou personalidade borderline, tentamos o lítio.” É dessa forma que Christian Dunker²³ traça um percurso muitas vezes repetido entre indivíduos que usam psicotrópicos, num artigo publicado em 2018 na revista Gaúcha ZH.

Os psicotrópicos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS)²⁴, são substâncias que agem no sistema nervoso central produzindo alterações de comportamento, humor e cognição.

De acordo com a OMS²⁵, em seu ‘Plano de Ação para a Saúde Mental 2013-2020’, uma em cada dez pessoas no mundo sofre de algum transtorno de saúde mental. Estima-se que as doenças mentais e neurológicas atinjam aproximadamente 700 milhões de pessoas e representem 13% do total das doenças do mundo, correspondendo a 1/3 das doenças não transmissíveis. Cerca de 350 milhões de pessoas deverão sofrer de depressão e 90 milhões terão algum distúrbio pelo abuso ou dependência de psicotrópicos, no período 2013-2020.

As investigações sobre o uso de psicotrópicos, com dados obtidos de pesquisa de base populacional, justificam-se pelo maior acesso da população aos medicamentos e seu crescente uso, pela possibilidade de caracterizar o uso não racional, e pela importância dos psicotrópicos em resgatar o potencial funcional dos indivíduos após a estabilização clínica da doença, segundo Prado.²⁶

4.2. A CARREIRA MÉDICA

A carreira médica frequentemente inicia-se cedo. Boa parte dos estudantes de medicina já escolhem seguir essa profissão durante os anos iniciais do ensino básico. Esforçam-se para adentrar a faculdade de medicina,

passando por processos seletivos concorridos. Ao conseguir a vaga almejada, as comemorações são muitas, um estupor de alegria envolve os jovens que até então eram vestibulandos e passam a ser universitários. As famílias se orgulham.^{27,28,29}

Iniciam a faculdade ainda vislumbrados com a futura profissão, embebidos nos resquícios da felicidade da aprovação do vestibular²⁷. Deparam-se, no entanto, com um mundo adulto, repleto de novos desafios. A cada passo, a felicidade da entrada na faculdade vai sendo substituída por outra felicidade que se aproxima, lentamente: a formatura. Mas, da aprovação no vestibular até a formatura são transcorridos, em média, 6 anos. Esse tempo por vezes é longo demais para manter toda a euforia²⁸.

Atrelando a isso, as dificuldades da universidade vão desgastando os jovens, que vão deixando de se sentir tão jovens. A perda da liberdade pessoal, alto nível de exigência e de conteúdo, sentimento de desumanização, falta de tempo para o lazer e o próprio contato com pacientes, com a dor e a doença são fatores agravantes^{27,28}. A concorrência dentro da universidade para conseguir uma bolsa de iniciação científica ou de monitoria, por exemplo, faz rememorar a época do pré-vestibular: meu colega é meu concorrente. Ansiedade e tristeza são sentimentos que ameaçam aflorar, ainda mais quando se está distante da família e dos amigos. Durante o período de provas, as pressões externas aumentam, mas, exponencialmente, a auto cobrança invade a mente que lida desde muito cedo com tantas responsabilidades.

Por isso, desde o momento que a carreira médica ainda não é de fato uma profissão, e sim um aprendizado, ela já é repleta de conflitos²⁹. Jovens estudantes de medicina, assim como jovens médicos, têm apresentado taxas alarmantes de depressão e suicídio^{28, 30, 31}.

4.3. SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA

A prevalência de transtornos depressivos tem alcançado números entre 4% e 10% na população geral, sendo observada maior incidência em mulheres³². A frequência dos quadros depressivos é maior na população jovem estudantil do

que na população geral. Alguns estudos apontam que de 15% a 29% dos estudantes universitários apresentam algum tipo de transtorno psiquiátrico durante sua vida acadêmica e sugerem que 28% dos brasileiros entre 18 e 24 anos apresentam sintomas depressivos^{28,33}.

O papel do professor em detectar dificuldades geradoras de sofrimento psíquico em seus alunos e saber como lidar com elas é fundamental para a prevenção desse sofrimento. Entretanto, nem sempre os professores estão preparados para esses desafios. Parcela significativa de professores desconhece a existência das instâncias de apoio psicológico aos estudantes. Situações de assédio e bullying na escola médica permanecem negadas por muitos docentes.³⁴

5. MÉTODOS

5.1. DESENHO DE ESTUDO

Estudo descritivo e transversal.

5.2. LOCAL E PERÍODO DE ESTUDO

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, localizado no bairro de Bodocongó, e Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC), localizado no bairro São José, ambos situados na cidade Campina Grande, no estado da Paraíba, de setembro a dezembro de 2018

5.3. POPULAÇÃO DE ESTUDO

Estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande entre os 1º (primeiro) e 12º períodos da graduação.

5.4. CRITÉRIO DE SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Critérios de inclusão

Ser estudante do curso de medicina da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), estar regularmente matriculado entre os primeiro e décimo

segundo períodos, ter idade maior ou igual a dezoito anos e desejar participar do estudo.

Critérios de exclusão

Estudantes com idade inferior a dezoito anos ou que tenham respondido o questionário de modo incompleto de modo que não fosse possível analisar os dados deste.

5.5. COLETA DE DADOS

5.5.1. Instrumento para coleta

Questionários produzidos e impressos para preenchimento manual pelo público alvo do estudo (Apêndice I).

5.6. PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

5.6.1. Processamento dos dados

Os dados colhidos através dos questionários foram distribuídos integralmente em planilha do Excel (Microsoft Office).

5.6.2. Análise dos dados

Os dados colhidos e processados foram analisados através de estatística simples, de forma a obter valores em porcentagem, a critério dos pesquisadores. Foram confrontadas variáveis que demonstraram maior importância em comparação com a literatura e com os resultados obtidos.

5.7. ASPECTOS ÉTICOS

5.7.1. Termo de Consentimento livre e esclarecido

No momento do preenchimento do questionário, o participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I).

5.7.2. Benefícios e não maleficência

O estudo trará o benefício de entender melhor o adoecimento mental do estudante de medicina, podendo gerar respaldo para que, subsequentemente, as entidades representativas dos estudantes e o corpo docente promovam ações de saúde mental a esta população. O princípio da não maleficência também é

respeitado, assim como será garantido o sigilo das informações isoladas dos questionários, que não terão identificação do estudante.

5.7.3. Conflito de interesse

Sem conflitos de interesse.

5.7.4. Materiais e orçamento

O presente estudo foi realizado com recursos dos próprios pesquisadores.

6. RESULTADOS

6.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Foram respondidos 358 questionários, sendo 4 excluídos devido à idade dos estudantes ser menor do que 18 anos. Desta forma, a amostra estudada constou de 354 alunos, distribuídos semestralmente conforme as Tabela 1.

SEMESTRE EM CURSO	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES (%)
1º semestre	37 (10%)
2º semestre	38 (11%)
3º semestre	20 (6%)
4º semestre	35 (10%)
5º semestre	31 (9%)
6º semestre	27 (7%)
7º semestre	21 (6%)
8º semestre	30 (8%)
9º semestre	28 (8%)
10º semestre	31 (9%)
11º semestre	28 (8%)
12º semestre	28 (8%)
TOTAL	354

Tabela 1- Distribuição numérica e percentual dos participantes por semestre em curso (FONTE: Autoria própria, 2018)

Dos 354 participantes, 172 (48,6%) eram homens e 182 (51,4%) eram mulheres. A frequência destes, quanto ao sexo e o semestre em curso está descrita na tabela 2.

SEMESTRE EM CURSO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1º semestre	20	17	37
2º semestre	24	14	38

3º semestre	10	10	20
4º semestre	14	21	35
5º semestre	10	21	31
6º semestre	15	12	27
7º semestre	11	10	21
8º semestre	12	18	30
9º semestre	15	13	28
10º semestre	13	18	31
11º semestre	13	15	28
12º semestre	15	13	28
TOTAL	172 (48,6%)	182 (51,4%)	354

Tabela 2- Frequência dos estudantes quanto ao sexo e o semestre em curso (FONTE: Autoria própria, 2018).

A média da faixa etária dos participantes foi de $23,07 \pm 4,0479$ anos. Considerando apenas a amostra do sexo feminino, a média da idade foi de $22,49 \pm 2,9202$ anos. No sexo masculino, a média da idade foi de $23,68 \pm 4,9055$ anos. A frequência dos estudantes quando ao sexo e faixa etária está descrita no Gráfico 1.

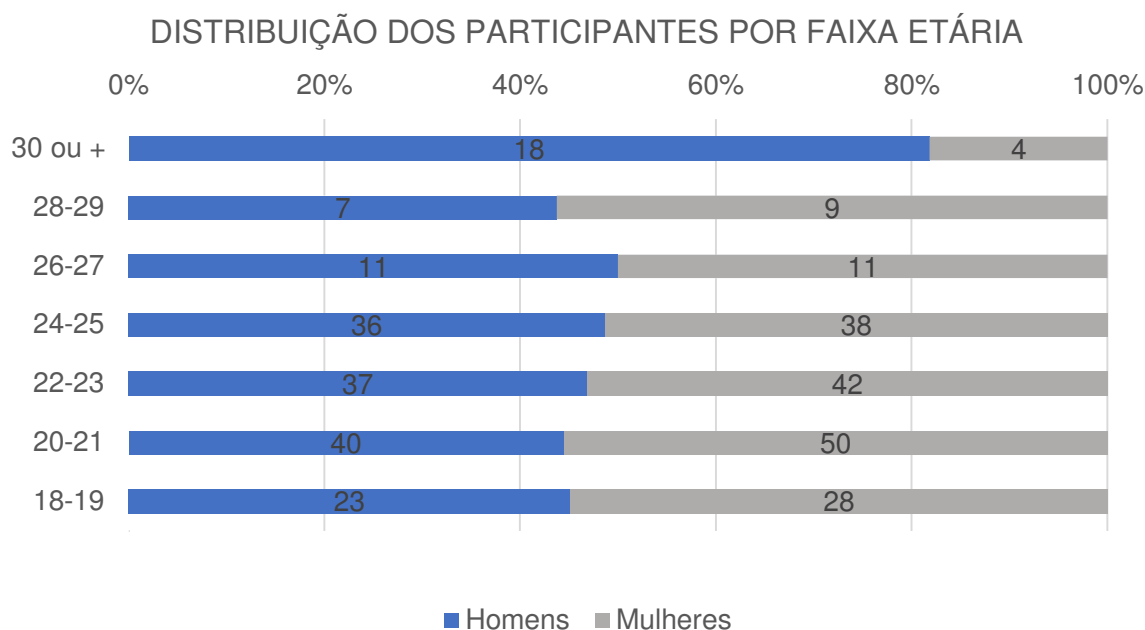


Figura 1 - Distribuição dos participantes por sexo (FONTE: Autoria própria, 2018)

6.2. USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS

Quanto ao uso de medicamentos psicotrópicos, 248 participantes (70%) afirmaram nunca ter feito uso, enquanto 106 participantes (30%) afirmaram já ter utilizado, ou fazerem uso atualmente. A distribuição entre estudantes que usam

e aqueles que não usam psicotrópicos de acordo com o semestre em curso está descrita na Figura 2.

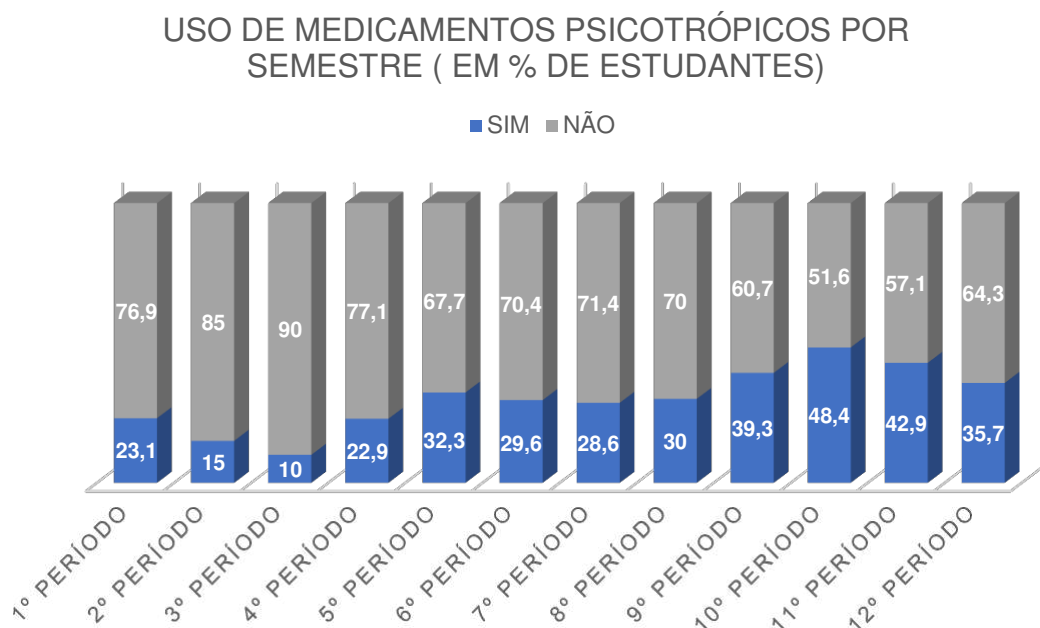


Figura 2 - Uso de medicamentos psicotrópicos por semestre em curso (FONTE: Autoria própria, 2018)

6.3. RELAÇÃO DE USO DE PSICOTRÓPICOS E SEXO

A frequência do uso de psicotrópicos segundo o sexo, encontrada neste estudo está descrita nas Figura 3 e Tabela 3.

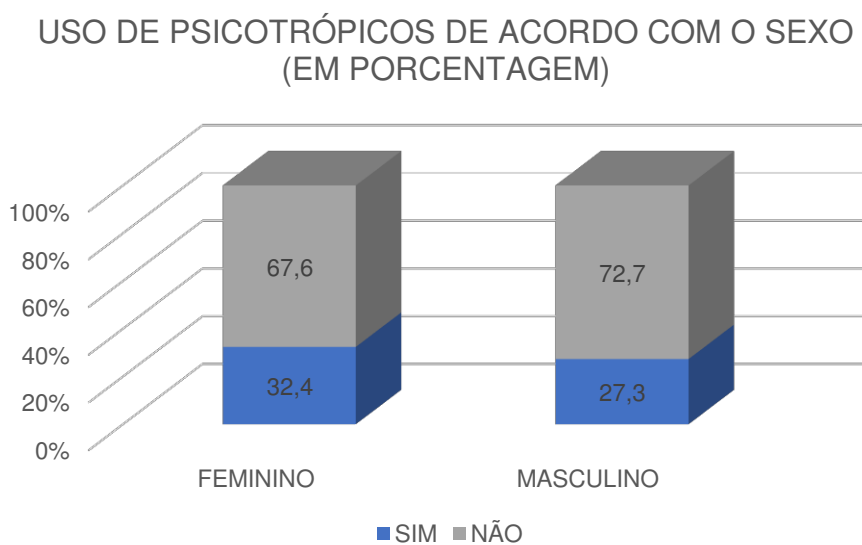


Figura 3 – Frequência do uso de medicamentos psicotrópicos por sexo (FONTE: Autoria própria, 2018)

	USA* PSICOTRÓPICOS	NÃO USA* PSICOTRÓPICOS	TOTAL
SEXO FEMININO	59 (32,4%)	123 (67,58%)	182
SEXO MASCULINO	47 (27,3%)	125 (72,67%)	172
TOTAL	106(29,94)	248(70,05)	354

Tabela 3 – Frequência do uso atual ou prévio* de medicamentos psicotrópicos segundo o sexo (FONTE: Autoria própria, 2018).

6.4. RELAÇÃO DE USO DE PSICOTRÓPICOS E FAIXA ETÁRIA

Na amostra estudada foi encontrada uma maior frequência do uso de psicotrópicos entre os estudantes na faixa etária dos 20 anos aos 25 anos (74,51%). Os números absolutos de acordo com a faixa etária estão expostos na figura 4.

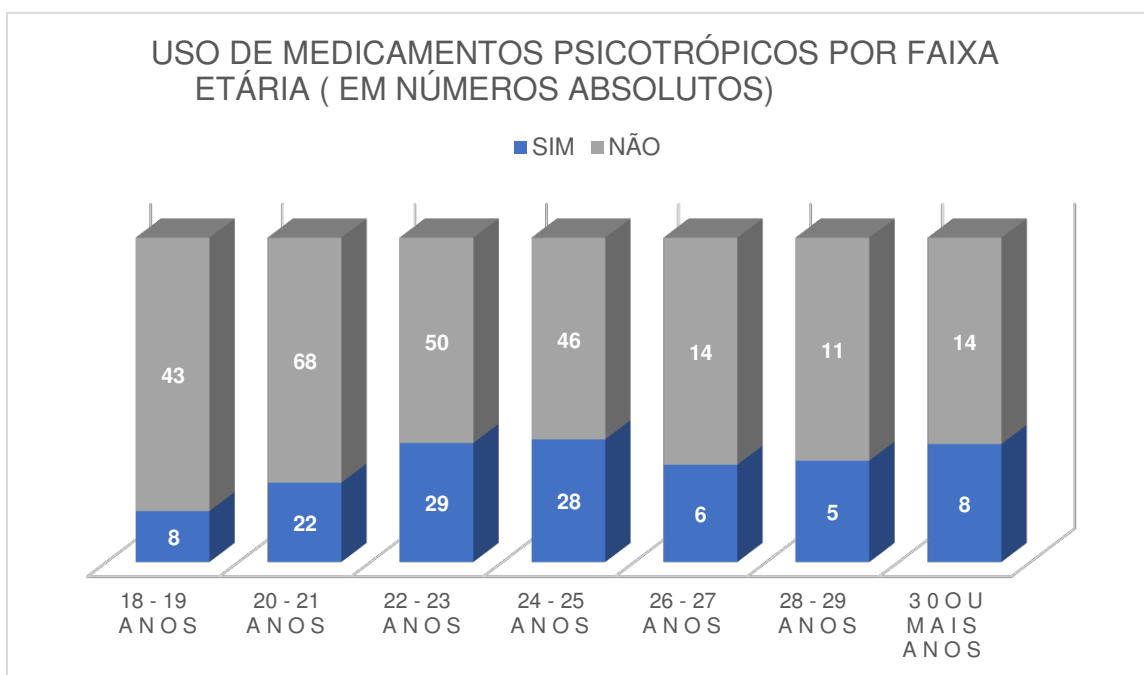


Figura 4 – Distribuição do uso de medicamentos psicotrópicos por faixa etária (FONTE: Autoria própria, 2018)

6.5. RELAÇÃO DE USO DE PSICOTRÓPICOS E MUDANÇA DE CIDADE

Os resultados encontrados relacionando-se o uso dos psicotr3picos e a proced4ncia dos estudantes antes de iniciar o curso est3o expostos nas Tabela 4 e Figura 5.

	USA* PSICOTR3PICOS	N3O USA* PSICOTR3PICOS	TOTAL
RESIDIA EM CAMPINA GRANDE ANTES DE INICIAR O CURSO	38 (28,35%)	96 (71,64%)	134 (37,85%)
N3O RESIDIA EM CAMPINA GRANDE ANTES DE INICIAR O CURSO	68 (30,9%)	152 (60,09%)	220 (62,14%)
TOTAL	106 (29,94%)	248 (70,05%)	354 (100%)

Tabela 4 – Distribui3o do uso de medicamentos psicotr3picos e a mudan3a de cidade (FONTE: Autoria pr3pria, 2018)

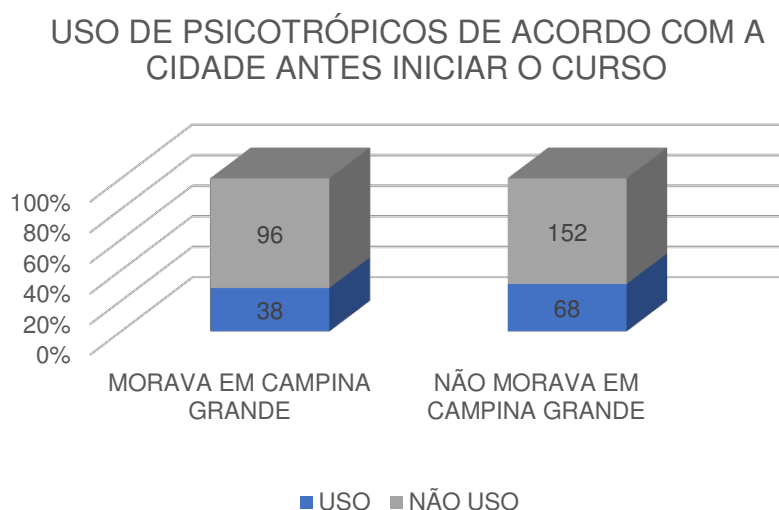


Figura 5 – Distribui3o do uso de medicamentos psicotr3picos e a mudan3a de cidade (FONTE: Autoria pr3pria, 2018)

6.6. CLASSIFICA33ES DOS MEDICAMENTOS UTILIZADOS

Do total de 354 participantes, 106 pessoas afirmaram usarem ou j3 terem feito uso de pelo menos um medicamento psicotr3pico ao longo da vida. As 106 pessoas citaram um total de 206 nomes de rem3dios ou classes de medicamentos, cerca de 1,94 cita33es por participante. Dentre os participantes que afirmaram uso houve o m3nimo uma cita33o, e o participante que mais citou medica33es, citou um total de 10 nomes diferentes. Os antidepressivos foram os

medicamentos mais citados (98 vezes). Na figura 6 estão descritas as principais classes utilizadas, e o número de vezes que cada uma foi citada.

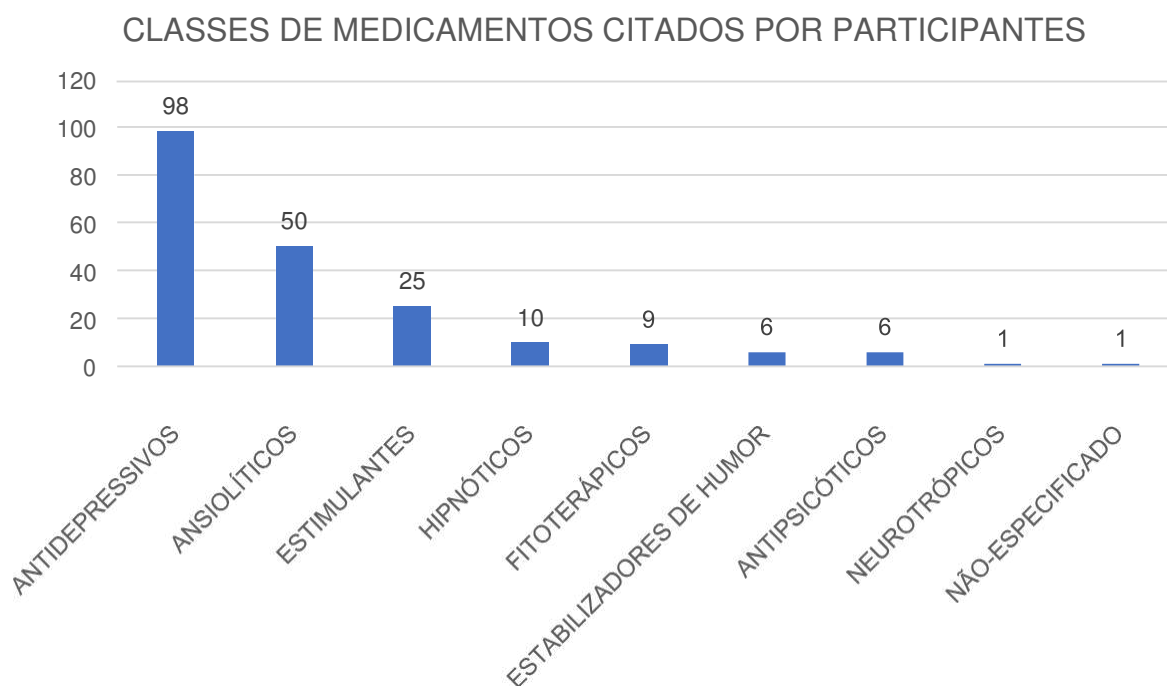


Figura 6 – Distribuição numérica das classes de medicamentos citados pelos participantes (FONTE: Autoria própria, 2018)

A distribuição dos antidepressivos citados está exposta na Tabela 5.

ANTIDEPRESSIVOS MENCIONADOS POR PARTICIPANTES	98
Inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS)	67
Fluoxetina	20
Escitalopram	19
Sertralina	15
Paroxetina	13
Inibidores seletivos da recaptação da serotonina e da noradrenalina (ISRSN)	13
Venlafaxina	6
Desvenlafaxina	5
Duloxetina	1
ISRSN não-especificado	1
Tricíclicos	8
Amitriptilina	4
Nortriptilina	3
Clomipramina	1
Atípicos	5
Trazodona	5
Inibidores da recaptação de noradrenalina e dopamina	2
Bupropiona	2

ISRS agonista do receptor sigma-1	1
Fluoxamina	1
Antidepressivo não-especificado	2

Tabela 5 – Distribuição numérica das classes de medicamentos citados pelos participantes (FONTE: Autoria própria, 2018)

A quase totalidade de ansiolíticos citados pelos participantes foi de benzodiazepínicos conforme demonstrado na Tabela 6:

ANSIOLÍTICOS MENCIONADOS POR PARTICIPANTES	50
Benzodiazepínicos	44
Alprazolam	21
Clonazepam	16
Bromazepam	2
Diazepam	2
Benzodiazepínico não-especificado	2
Lorazepam	1
Ansiolítico não-especificado	6

Tabela 6 – Ansiolíticos mais citados pelos participantes (FONTE: Autoria própria, 2018).

As demais medicações citadas pelos participantes da amostra e suas respectivas classes estão descritas na Tabela 7.

ESTIMULANTES	25
Metilfenidato (estimulante)	12
Cafeína (estimulante)	9
Lisdexanfetamina (estimulante)	1
Taurina (estimulante)	1
Estimulante/Energético não-especificado	2
HIPNÓTICOS	10
Zolpidem	10
FITOTERÁPICOS	9
<i>Passiflora incarnata</i>	2
<i>Avena sativa D1 + Passiflora alata D1 + Valeriana officinallis D1</i>	1
<i>Hypericum perforatum L</i>	1
<i>Panax ginseng</i>	1
<i>Argentum nitricum 6CH + Kali bromatum 6CH</i>	1
<i>Valeriana officinalis</i>	1
Fitoterápico não-especificado	2
ESTABILIZADORES DE HUMOR	6
Carbonato de Lítio	2
Valproato de sódio	1
Divalproato de sódio	1
Lamotrigina	1
Topiramato	1

ANTIPSIKÓTICOS	6
Quetiapina	2
Clorpromazina	1
Levomepromazina	1
Olanzapina	1
Risperidona	1
NEUROTROPICOS	1
Modafinil	1
PSICOTRÓPICO NÃO-ESPECIFICADO	1

Tabela 7 – Sub distribuição numérica das classes de medicamentos citados pelos participantes (FONTE: Autoria própria, 2018)

6.7. ÉPOCA DO USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS

Quando perguntamos, através de uma linha do tempo que continha as opções “Antes do curso”, “Primeiro ano” e assim sucessivamente até o “Sexto ano”, verificamos que os 106 alunos, que afirmaram que usam ou já usaram medicamentos psicotrópicos, iniciaram o uso de acordo com a Tabela 8:

INÍCIO DO USO DE PSICOTRÓPICOS	QUANTIDADE DE ALUNOS
Antes do curso	41
Primeiro ano	10
Segundo ano	10
Terceiro ano	22
Quarto ano	10
Quinto ano	7
Sexto ano	6
Total	106

Tabela 8 – Distribuição numérica do período do tempo de uso dos medicamentos (FONTE: Autoria própria, 2018)

Diversos alunos fizeram uso por mais de um período. Alguns alunos já haviam iniciado o uso de medicamentos psicotrópicos antes de iniciar a graduação, e continuaram a fazê-lo ao longo dos anos da faculdade. Observamos que muitos estudantes fizeram uso ao longo de diferentes épocas. O número de estudantes que fizeram uso em cada espaço da linha de tempo está exposto na Tabela 9.

USO DE PSICOTRÓPICOS EM CADA ÉPOCA	QUANTIDADE DE ALUNOS
Antes do curso	41
Primeiro ano	22
Segundo ano	21

Terceiro ano	34
Quarto ano	30
Quinto ano	19
Sexto ano	13

Tabela 9 – Distribuição numérica do período do tempo de uso dos medicamentos (FONTE: Autoria própria, 2018)

A relação entre a época em que usaram os psicotrópicos e a quantidade de alunos que havia passado por cada fase no curso, está exposta na Tabela 10.

	Q1 = QUANTOS FIZERAM USO?*	Q2 = QUANTOS JÁ PASSARAM POR ESSA “FASE”?**	RAZÃO DE USO Q1/Q2
Antes do curso	41	354	11%
Primeiro ano	22	354	6,2%
Segundo ano	21	279	7,5%
Terceiro ano	34	224	15,1%
Quarto ano	30	166	18%
Quinto ano	19	115	16,5%
Sexto ano	13	56	23,3%

*Quantidade de alunos que fizeram uso durante esta fase, independente de terem iniciado previamente a fase
 **Quantidade de alunos que já vivenciaram ou estão vivenciando a fase. (Ex.: Quinto ano está sendo vivenciado pelos alunos do 9º e 10º semestre e já foi vivenciado pelos alunos do 11º e 12º semestres)

Tabela 10 – Distribuição numérica do período do tempo de uso dos medicamentos (FONTE: Autoria própria, 2018)

6.8. QUEM PRESCREVEU?

Dos 106 alunos que usam ou já usaram medicamentos psicotrópicos, 58 (54,71%) receberam prescrição de um psiquiatra, 25 (23,58%) se medicaram por conta própria, 11 (10,37%) receberam prescrição de um neurologista, 7 (6,60%) de um médico generalista ou de outra especialidade e 5 (4,71%) receberam prescrição de um médico de convívio pessoal.

Quem prescreveu?

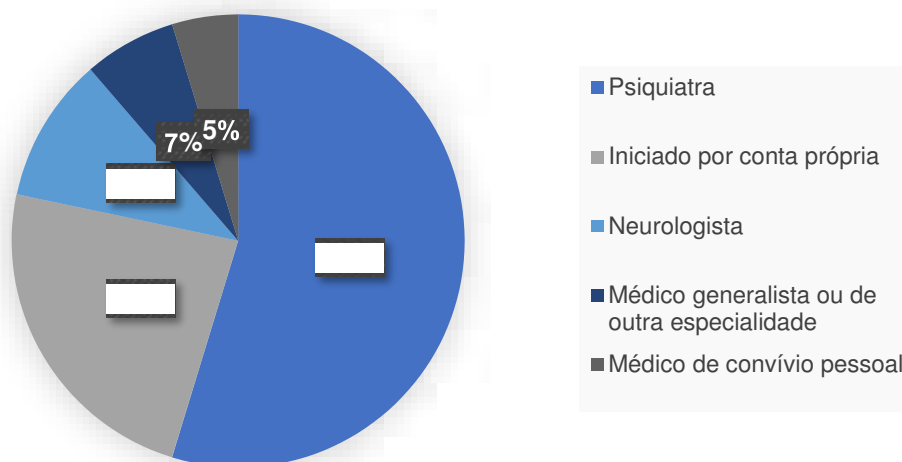


Figura 7 – Distribuição percentual da orientação de uso/prescrição médica do psicotrópico (FONTE: Autoria própria, 2018)

6.9. DIAGNÓSTICOS

Dos 106 participantes que fazem ou fizeram uso de psicotrópicos, 25 se automedicaram e 81 estudantes passaram por um médico antes de iniciar a medicação. Destes, 75 (92,5%) afirmaram que receberam algum diagnóstico, enquanto que, 6 (7,5%) afirmaram que não.

Muitos dos participantes receberam mais de um diagnóstico sindrômico. Os diagnósticos mais frequentes foram de transtornos de ansiedade e transtornos depressivos (Figura 5).

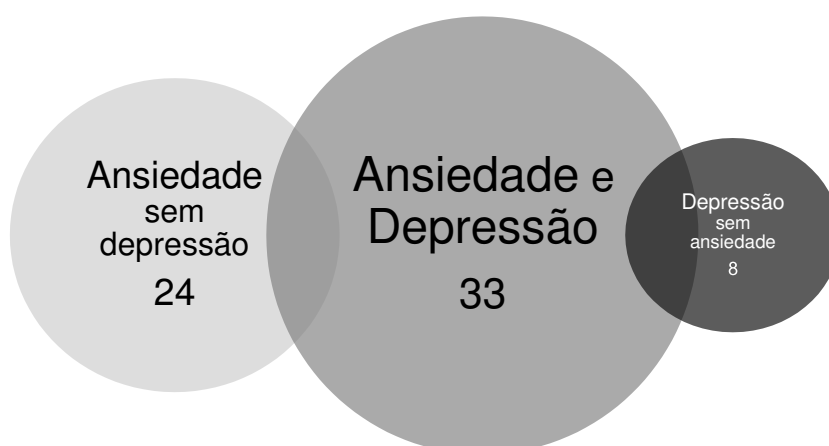


Figura 8 – Diagnósticos sindrômicos dos entrevistados. (FONTE: Autoria própria, 2018)

Outros diagnósticos sindrômicos referidos pelos estudantes foram: Estresse (10), Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (5), Fobia (4), Transtorno obsessivo-compulsivo (4) e Espectro autista, Transtorno disfórico pré-menstrual, Sonolência diurna excessiva, Transtorno alimentar, Transtorno bipolar, sendo cada um destes últimos citados por um único participante. Como justificativa para uso de medicamentos psicotrópicos, os diagnósticos não-psiquiátricos de enxaqueca e de dor miofascial apareceram cada um uma vez.

6.10. A RESPEITO DO TRATAMENTO

Questionamos aos 81 participantes que receberam prescrição de um médico se a duração do tratamento destes havia sido estipulada, 46 responderam não, 29 sim, e 6 não souberam informar.

Questionamos ainda, a todos os 106 participantes que usam ou fizeram uso prévio de psicotrópicos, a respeito da melhora com o uso dos medicamentos, setenta e nove (74,5 %) afirmaram ter melhorado, vinte e dois (20 %) referiram que os sintomas ficaram inalterados, e cinco (4,71 %) afirmaram que pioraram. Estes dados estão expostos na Tabela 11.

6.11. RESPOSTA AO TRATAMENTO *VERSUS* PRESCRITOR

Análise bivariada: Melhora *versus* Prescritor

	USO POR CONTA PRÓPRIA	USO COM PRESCRIÇÃO MÉDICA	TOTAL
MELHORA	15	64	79
INALTERADO	8	14	22
PIORA	2	3	5
TOTAL	25	81	106

Tabela 11 – Relação entre uso do psicotrópico e obtenção de melhora clínica. (FONTE: Autoria própria, 2018)

Desta forma, 60% dos estudantes que se automedicaram tiveram melhora, contra 79% de melhora entre os estudantes que receberam prescrição médica.

6.12. PSICOTERAPIA

No que diz respeito ao acompanhamento com profissional psicólogo, para terapia ou análise dos entrevistados, foram obtidos os dados expostos na Tabela 12.

	FAZ TERAPIA/ANÁLISE	JÁ FEZ TERAPIA/ANÁLISE	NUNCA FEZ TERAPIA/ANÁLISE	TOTAL
USA* PSICOTRÓPICO	31	38	37	106
NÃO USA* PSICOTRÓPICO	15	47	186	248
TOTAL	46	85	223	354

Tabela 12 – Frequência de procura por análise/terapia dentre os usuários atuais ou prévios* e não usuários de medicamentos psicotrópicos. (FONTE: Autoria própria, 2018)

6.13. MOTIVOS DE USO DE PSICOTRÓPICOS QUE EXTRAPOLAM OS DIAGNÓSTICOS

Os resultados da análise dos dados referentes ao item 13 que questionava acerca da essencialidade do uso dos medicamentos psicotrópicos pelos entrevistados, estão expostos na Tabela 13.

ESSENCIALIDADE DO USO DOS MEDICAMENTOS	NÚMERO DE CITAÇÕES
Ter uma boa relação consigo próprio	63
Ter um bom desempenho acadêmico	40
Conseguir dormir	39
Ter boas relações sociais	31
Se manter acordado	15
<i>Outras</i>	
Não consideram essencial	3
Reduzir ansiedade	3
Reduzir dor resultante de estresse e ansiedade	2
Suspendeu ao primeiro uso devido reações adversas	1

Tabela 13 – Motivo da necessidade/essencialidade do uso dos psicotrópicos dentre os participantes usuários. (FONTE: Autoria própria, 2018)

O item 15 cedeu aos entrevistados espaço para que estes descrevessem as causas as quais atribuíam seus adoecimentos psíquicos, não sendo limitada a quantidade de causas por entrevistados. As causas foram citadas em números de vezes conforme a Tabela 14.

CAUSA	NÚMERO DE CITAÇÕES
COBRANÇA EXCESSIVA (14 por parte da universidade e 8 auto cobrança).	22
SOBRECARGA PELO CURSO (4 destes também por motivos extra curso, e 2 tendo referido cansaço associado).	26
ESTRESSE	19
ANSIEDADE	15
NÃO SOBERAM A QUAL MOTIVO ASSOCIAR	9
NAO RESPONDERAM	8
PROBLEMAS NO CONVIVIO FAMILIAR	8
DIFICULDADES NO CONVIVIO SOCIAL	7
FACULDADE/UNIVERSIDADE/CURSO (Não especificado o motivo principal)	6
DIFICULDADES EM RELACIONAR-SE CONSIGO PRÓPRIO	5
PERÍODO PRÉ VESTIBULAR (Citados autocobrança, cobrança familiar, ansiedade e múltiplas tentativas de ingresso)	5
HEREDITARIEDADE	4
MULTIFATORIAL (não especificado)	4
MODELO DE ORGANIZAÇÃO DA FACULDADE E FALTA DE APOIO DESSA AO ALUNO	4
NÃO CONSIDERAM TEREM ADOECIDO PSIQUICAMENTE (Usado os medicamentos por outras causas).	3
COMPETITIVIDADE	2
SOLIDÃO ASSOCIADA À MUDANÇA DE CIDADE	2
MEDO DE FRACASSAR	2
LUTO	1
VIOLENCIA PSICOLOGICA PREVIA	1
DIFICULDADE FINANCEIRA	1
ESTRESSE CAUSADO POR DOENÇA NÃO PSÍQUICA	1

Tabela 14 – Causas do adoecimento psíquico dentre os participantes usuários de medicamentos psicotrópicos. (FONTE: Aatoria própria, 2018)

6.14. DENTRE OS QUE NÃO USAM PSICOTRÓPICOS

Para aqueles 248 entrevistados que negaram o uso prévio ou atual de medicamentos psicotrópicos (70,05% do total de entrevistados), foram propostos os itens 16, 17 e 18 do questionário usado para a coleta de dados desse presente estudo.

O item 16 questionava ao entrevistado se este acreditava precisar do uso de algum medicamento psicotrópico, embora o uso não fosse realizado. Dos 248 entrevistados, 23% responderam que sim (Figura 9), e para estes foi cedido um espaço para descreverem por extenso o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) acreditavam necessitar desse uso (Tabela 15).

VOCÊ ACHA QUE DEVERIA FAZER USO DE ALGUM MEDICAMENTO PSICOTRÓPICO?

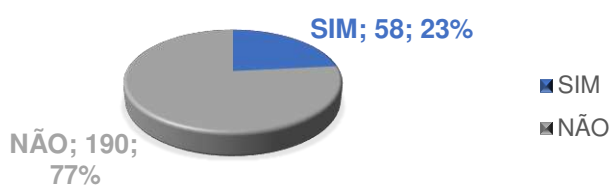


Figura 9 – Consideração do uso de psicotrópicos pelos participantes não usuários (FONTE: Autoria própria, 2018).

Justificativa da possível necessidade de uso	Número de citações
Ansiedade excessiva	41
Dificuldade de concentração/baixo rendimento ou desempenho acadêmico	14
Humor deprimido	9
Estresse excessivo	7
Insônia	6
Instabilidade emocional/oscilações de humor	4
Sonolência excessiva	3
Sobrecarga	3

Tabela 15 – Justificativa da possível necessidade de uso de psicotrópico dentre os participantes não usuários. (FONTE: Autoria própria, 2018)

No item 17 foi questionado se em algum momento, ao longo do curso, o entrevistado sentiu a necessidade de procurar ajuda médica ou psicológica devido à sintomas como: ansiedade, depressão, insônia, dificuldade de concentração, sobrecarga, medo, irritabilidade, dentre outros.

Embora 77% dos entrevistados não tenham considerado a necessidade de uso de medicamentos psicotrópicos ao longo da vida acadêmica e/ou durante o período de preparação para o ingresso na universidade, 62,90% referiram já ter sentido a necessidade de procurar ajuda profissional, mas destes apenas 23,71% procuraram ajuda médica ou psicológica de fato (Figura 10).

Dentre os 62,90% que referiram ter sentido, ao longo da graduação e/ou durante o período de preparação para o ingresso na universidade, a necessidade e procurar ajuda médica/psicológica, foi cedido um espaço para descreverem por extenso o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) sentiu a necessidade de procurar ajuda profissional (Tabela 16).

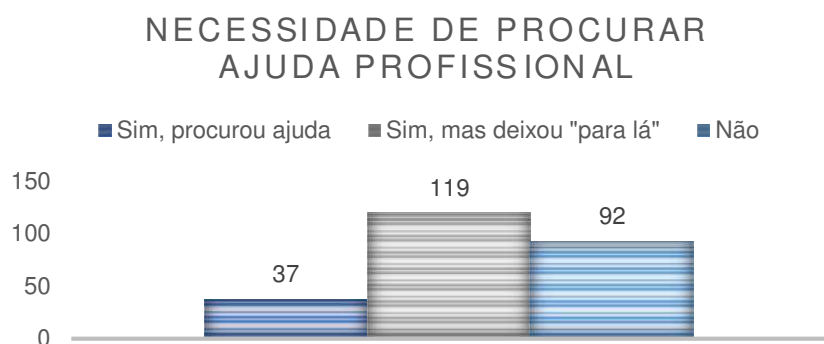


Figura 10 – Necessidade de ajuda profissional dentre os participantes não usuários de medicamentos psicotrópicos. (FONTE: Autoria própria, 2018)

Motivo da necessidade de procurar ajuda profissional	Número de Citações
Ansiedade excessiva	58
Sobrecarga	40
Dificuldade de concentração/baixo rendimento	25
Humor deprimido	14
Irritabilidade excessiva	13
Sonolência excessiva	11
Insegurança/medo/pânico não especificados	11
Insônia	10
Cobrança excessiva	9
Isolamento/dificuldade de convivência social/solidão	9
Estresse excessivo	6
Cansaço excessivo/esgotamento mental e/ou físico	4
Compulsão alimentar	2

Labilidade emocional / oscilações de humor	2
Não responderam	2

Tabela 16 – Motivos da necessidade de ajuda profissional dentre os participantes não usuários de medicamentos psicotrópicos. (FONTE: Autoria própria, 2018)

7. DISCUSSÃO

Muitos autores relatam que para pesquisas que têm por finalidade identificar a prevalência do uso de substâncias, lícitas ou ilícitas, por estudantes, o método mais comumente utilizado é o questionário de autopreenchimento aplicado coletivamente em sala de aula, assim como foi feito nesse estudo.³⁵ Essa opção justifica-se por ser relativamente barata e bem aceita pelos sujeitos pesquisados, uma vez que os índices de recusa se situam abaixo de 1%. Nesse estudo, não houve nenhuma ocorrência de recusa para preencher o questionário. A grande aceitação de pesquisas desse tipo aumenta a confiabilidade nas respostas obtidas. É considerado um bom procedimento para se obter informações sobre comportamentos privados, pois o anonimato é garantido.³⁶

Barros et al. ³⁷ destacam que estudos como esse são vistos pelos estudantes como mecanismo de prevenção e promoção de saúde e não de repressão, o que colabora para sua participação na pesquisa.

A realização de pesquisas sobre o uso de medicamentos nos diversos segmentos da sociedade é importante, pois as medidas de prevenção ao uso abusivo são eficazes somente quando baseadas na realidade do consumo. O uso de substâncias psicotrópicas tem sido objeto de diversos estudos no Brasil, devido à crescente preocupação com os hábitos de consumo de drogas lícitas e ilícitas e seus impactos sociais, econômicos e, principalmente, suas implicações na saúde e rendimento acadêmico da população universitária.⁴⁸

Contudo, esse tipo de estudo apresenta limitações. A principal limitação descrita na literatura desse desenho de pesquisa é que, por ser uma pesquisa feita em sala de aula, os jovens com adoecimento psíquico mais severo podem

já terem sido excluídos da faculdade de medicina ou faltem com muita frequência, não sendo alcançados pelo estudo.³⁹ Trabalhos desenhados especificamente para avaliar a subpopulação que abandonou ou é expulsa das escolas médicas devem verificar essa hipótese.

Nosso estudo traz uma análise de uma escola médica do interior da Paraíba. Os estudos realizados no Brasil, em contrapartida, sobre uso de drogas entre estudantes universitários foram feitos principalmente no Sudeste^{40, 41, 42} e Sul^{43, 44} do país, o mesmo ocorrendo com os estudos que enfocaram estudantes de escolas médicas.^{45, 46, 47, 48} O curso de graduação em Medicina da Universidade Federal de Campina Grande, implantado em 1968 e reconhecido em 1979, exige a integralização de 485 créditos, entre disciplinas obrigatórias e optativas, cursados ao longo de 12 semestres letivos. Cada crédito corresponde a 15 horas/aula, de modo que o curso totaliza 7.275 horas. Semestralmente, o curso disponibiliza 45 vagas para ingresso de novos alunos, no primeiro semestre.

A prevalência de uso de psicotrópicos encontrada nesse estudo foi de 30%, destacando-se os antidepressivos, ansiolíticos e estimulantes como os mais utilizados. Os resultados revelaram maior prevalência de uso de psicotrópicos entre as mulheres, entre os que não residiam em Campina Grande antes de iniciar o curso, e entre os participantes dos semestres mais avançados do curso.

Os estudantes que ingressam nas Faculdades de Medicina têm um perfil descrito em muitos estudos como competitivos, perfeccionistas, exigentes com eles mesmos e mais susceptíveis a depressão, por não admitirem falhas.^{49, 50, 51, 52, 53} Esse perfil pode ser entendido como um fator de risco para o adoecimento psíquico dos estudantes, e, de fato, os resultados da pesquisa comprovam que os estudantes se sentem cobrados excessivamente, muitas vezes por si próprios. Além disso, ter uma boa relação consigo mesmo e ter um bom desempenho acadêmico foram os dois itens mais apontados para justificar o uso dos medicamentos psicotrópicos.

No entanto, esse perfil, isoladamente, não é capaz de explicar o uso de psicotrópicos pelos estudantes. Atualmente, a maior parte dos pesquisadores considera que o uso de drogas por estudantes não é causado por um único fator, mas por uma combinação de vários deles, tais como os genéticos, psicológicos, familiares, socioeconômicos e culturais. Assim, entende-se que o uso e a dependência de drogas são fenômenos bastante complexos que não podem ser reduzidos a uma faceta da dimensão biológica, psicológica ou social.³⁹

O maior uso de psicotrópicos pelas estudantes de medicina em comparação com seus colegas do sexo masculino reflete uma realidade mais abrangente. No Brasil, mudanças consideráveis no papel da mulher na sociedade, tais como o acúmulo de tarefas decorrentes da realização de atividade profissional – em função do aumento da participação no mercado formal de trabalho –, além do cuidado da família e do domicílio, podem ter contribuído para ampliar os problemas de saúde mental na população feminina.^{54, 55} É interessante observar, que apesar das conquistas femininas avançarem ao longo da história, o número de estudantes do sexo feminino com mais de 30 anos é, expressivamente menor que o de homens. Talvez, isso esteja atrelado ao fato de homens com família já constituídas ainda buscarem o ensino superior, enquanto as mulheres com família já constituída enfrentam maiores desafios para lidar com o curso e a família, simultaneamente. Isso é notório, pois em todas as faixas etárias do estudo, o número de mulheres foi maior que o de homens, exceto após os trinta anos, onde os homens ultrapassam: enquanto 18 homens com mais de 30 anos estão na faculdade de medicina, existem apenas 4 mulheres na mesma faixa etária, de acordo com os dados desse estudo.

No Brasil, desde 2004, com a implementação da Política Nacional de Assistência Farmacêutica, observa-se uma ampliação no acesso a medicamentos, buscando-se garantir seu uso racional.⁵⁶ Medicamentos psicotrópicos são importantes para o tratamento do sofrimento humano; porém, seu uso não deve ser isolado e sim integrado a um cuidado mais amplo, com maior interface entre a farmacoterapia e a psicoterapia, para um tratamento mais eficaz.⁵⁷ Nesse estudo, observamos que 223 estudantes nunca fizeram psicoterapia, enquanto 248 nunca fizeram farmacoterapia. Isso mostra que é

mais comum o estudante procurar um tratamento não farmacológico, inicialmente. Contudo, foi observado que 37 alunos dentre os 106 que usam psicotrópicos, nunca fizeram psicoterapia. Enquanto 62 alunos dentre os 248 que não usam psicotrópicos, fazem psicoterapia. E que apenas 69 alunos usaram a combinação das duas terapias, o que podemos considerar um número pequeno, dada a maior acessibilidade aos serviços de saúde que se espera da população estudada. Dessa forma, faz-se necessário destacar a importância dos problemas de saúde mental na atenção à saúde da população universitária, adotando-se medidas para minimizar a morbidade e ampliar o uso racional desse grupo de medicamentos.

Determinados períodos do curso são referidos como mais favoráveis ao surgimento de transtornos do humor. O estudante de Medicina passa por basicamente três fases psicológicas⁵² ao longo do curso médico: a primeira fase corresponde a felicidade inicial, resultado do ingresso na Universidade, da conquista de um sonho; a segunda corresponde a frustração, decorrente de toda a cobrança experimentada no curso, na mudança de hábitos e às vezes no desempenho insatisfatório nas disciplinas (no nosso estudo, verificou-se que muitos estudantes se queixam da quantidade de conteúdo das disciplinas); a terceira fase é representada pelo internato composto por um período de adaptação e ao mesmo tempo de preocupação com competição pelas vagas da residência médica, foi nessa terceira fase que nosso estudo evidenciou maior uso de psicotrópicos.

Para alguns pesquisadores, o primeiro semestre do curso médico representa o período mais crítico para o surgimento de transtornos de humor, como a depressão e a ansiedade, transtornos que são intimamente relacionados. Observamos que os alunos que estão nos anos iniciais do curso e afirmaram já ter usado psicotrópicos, fizeram esse uso antes do curso, em sua maioria, porém, muitos deles continuaram o uso no decorrer do curso. Em outros estudos^{52, 58}, o internato corresponde a fase de maior fonte de preocupação para os já quase médicos, quando acaba a fase teórico-prática do curso e inicia-se a fase puramente prática que encerra o curso acadêmico, em somatório a novas questões que surgem: “Estou preparado para trabalhar? Estou apto a fazer a

prova de residência médica? Será mesmo que essa é a especialidade que devo seguir?”.

Dentre os transtornos diagnosticados que justificaram o uso de psicotrópicos entre os estudantes que referiram ter passado por consulta médica (na maioria com psiquiatras), a associação de transtorno depressivo e de ansiedade foi o mais prevalente, seguido de transtorno de ansiedade sem depressão, e, em terceiro lugar, o transtorno depressivo sem ansiedade.

Os transtornos de ansiedade são muito prevalentes entre os transtornos psiquiátricos.⁵⁷ O quadro clínico desses transtornos caracteriza-se por sintomas somáticos, cognitivos, comportamentais, emocionais e perceptivos, e pela presença de sintomas físicos, na maioria das vezes acompanhados de pensamentos catastróficos associados a modificações no comportamento. A maioria dos transtornos de ansiedade pode ser tratada com medicamento. A necessidade e o grau de indicação do tratamento farmacológico dependem do tipo de transtorno, da probabilidade de remissão espontânea, da gravidade e de sua interferência nas atividades sociais e ocupacionais.⁵⁹ Entre os fármacos ansiolíticos, os mais utilizados são os benzodiazepínicos.⁶⁰ Em nosso estudo, o uso de benzodiazepínicos só não foi maior que o uso de antidepressivos.

Sobre os transtornos depressivos, essa pesquisa corrobora os achados de outros estudos^{53, 61, 62, 63, 64, 65, 66} sobre a prevalência superior entre os estudantes de Medicina do que na da população em geral, já que no presente estudo foram encontradas 98 menções de uso de antidepressivos. No nosso estudo, 38,67% dos participantes que usam psicotrópicos receberam diagnóstico de depressão. Essa porcentagem equivale a 11,58% da nossa amostra. Enquanto na população brasileira a prevalência dos sintomas depressivos seja estimada em 10%, na Rússia a 8,2%, nos EUA a 7,1% e no Japão a 4,5%.⁶⁷

No nosso estudo verificamos também que muitos estudantes que não usam psicotrópicos creem que deveriam ter procurado ajuda psicológica ou médica em algum momento do curso, mas que a maioria não deu importância a própria queixa. As cinco causas mais frequentes para essa crença da necessidade de procurar ajuda foram: ansiedade excessiva, sobrecarga,

dificuldade de concentração ou baixo rendimento acadêmico, humor deprimido e irritabilidade excessiva. Esses dados são destoantes dos encontrados na literatura, onde os transtornos de humor são mostrados como o principal motivo de procura a serviços especializados em saúde mental.⁶⁸

As perdas com que os alunos deparam-se no transcorrer do curso, como a redução das horas de lazer e do contato com antigos amigos, uma menor disponibilidade para estar com seus parceiros amorosos, o fim da idealização do curso e a crescente conscientização dos problemas existentes na profissão médica podem, em parte, dar sentido à alta incidência de quadros depressivos e sua curva ascendente com a progressão do semestre em curso.⁶⁸

Assim como descrito na literatura, o uso de antipsicóticos não foi tão frequente quanto o de antidepressivos e de ansiolíticos. São raros os casos de psicoses, porém, quando ocorrem, as repercussões (tanto no campo pessoal como no acadêmico) para o aluno e a instituição são muito graves.⁶⁸

Infelizmente, o curso de medicina da Universidade Federal de Campina Grande não conta até o momento com um serviço de assistência psicológica bem estruturado para atender a demanda de sua comunidade universitária.

Além das questões de adoecimento já mencionadas, o termo “estresse” apareceu em nossa pesquisa em mais de uma ocasião. Entre os estudantes que usam psicotrópicos, o termo apareceu quando questionados sobre diagnóstico recebido e como causa do adoecimento psíquico. Já entre os estudantes que não usam psicotrópicos, “estresse” surgiu como motivo para acreditar que precisaria tomar psicotrópico e como motivo para buscar ajuda médica/psicológica. Em média, 90% da população mundial é afetada pelo estresse.⁶⁹ No Brasil, 30% da população economicamente ativa já atingiu algum estado de estresse causado por pressão excessiva. Este percentual de profissionais com um conjunto de perturbações orgânicas e psíquicas (estresse) fica atrás somente daquele do Japão (70%) e ultrapassa o dos Estados Unidos (20%), sendo que este estado está associado ao desenvolvimento de doenças que afetam a vida de milhões de pessoas no mundo todo.⁶⁹

Além das mudanças físicas e psicológicas do estudante durante os seis anos do curso de medicina, as expectativas familiares, as cobranças em relação à escolha profissional, a aprovação no vestibular e o início do planejamento da carreira contribuem para a manifestação de sintomas de estresse.

Segundo vários pesquisadores, entre os acadêmicos de Medicina, houve baixa prevalência de fases avançadas de estresse. Possivelmente, o momento acadêmico entre o quarto e o oitavo semestre apresenta maior estabilidade e adaptação dos acadêmicos em relação à presença de agentes estressores.³⁵ Acredita-se que estudos que avaliam os primeiros ou últimos períodos do curso de Medicina possam mais facilmente detectar maiores níveis de estresse, pois se trata de um período de maior preocupação com a atuação acadêmica e profissional emergente ou mesmo de adaptação a novos sistemas de ensino e aprendizagem.

Estudos relatam que os agentes estressores específicos dos anos básicos se resumem às pressões de tempo, ao sistema de avaliação, a problemas financeiros (e a dependência prolongada dos pais) e à competição por um bom desempenho. Por outro lado, no âmbito dos anos clínicos, evidenciam-se conflitos interpessoais com colegas, receio do aumento de responsabilidades, solidão, confronto com o sofrimento, desconforto sentido na realização de exames físicos e discussão de assuntos pessoais e sexuais com os pacientes. Essas questões da vida com os pacientes não foram citadas entre os participantes dessa pesquisa.

Apesar de ser um estudo transversal, e, como tal, não possibilitar atribuição de causalidade ou consequência⁶⁶ às associações encontradas, por analisar desfecho e exposição simultaneamente, entendemos a importância do estudo por apontar as direções nas quais os fatores preditivos se associam com o desfecho estudado: o adoecimento psíquico do estudante de medicina.

8. CONCLUSÃO

O total de estudantes que participaram da pesquisa, distribuídos entre todos os semestres do curso de medicina da Universidade Federal de Campina

Grande, permitiu fazer uma análise bem representativa do uso de medicamentos psicotrópicos. Verificou-se que 30% dos acadêmicos usam ou já usaram medicamentos psicotrópicos. Em termos gerais, a frequência de alunos que utilizam essas medicações é diretamente proporcional ao período em curso. Foi observado também que a frequência é maior entre as mulheres e os estudantes que residiam em outras cidades antes de ingressar na faculdade. As drogas mais utilizadas são os antidepressivos, e, a maioria dos estudantes começou o uso após consulta psiquiátrica.

O estudo ainda revelou que até entre os estudantes que não fazem uso de psicotrópicos, a necessidade dessa utilização é acreditada, bem como a necessidade de ajuda médica/psicológica também foi referida, apesar de que, a maioria dos estudantes não se preocuparam em, de fato, procurar essa ajuda.

Os fatores de adoecimento psíquico atrelados à universidade e a auto cobrança foram os mais frequentes. A quantidade de estudantes que fazem ou já fizeram psicoterapia foi maior que a quantidade de estudantes que se submetem a farmacoterapia, contudo, muitos estudantes vivenciam essas abordagens de forma isolada, e a minoria utilizou-se da combinação de psicoterapia e farmacoterapia.

Estudos como este tentam promover a reflexão acerca da saúde mental dos futuros médicos, cuja carreira começa a ser desenhada ainda na adolescência. Os vestibulares concorridos, as pressões familiares e a necessidade de autoafirmação levam o estudante, ainda muito jovem, a se privar de diversos prazeres para atingir um objetivo maior: o ingresso no curso de Medicina. A conquista de uma vaga na universidade, porém, não encerra as angústias desse estudante. Por isso, o uso de medicamentos psicotrópicos entre os estudantes de Medicina tem crescido e merece atenção, com o objetivo de fornecer uma assistência estudantil capaz de suprir as demandas desses jovens. A promoção de saúde mental do futuro médico não pode ser negligenciada. Pelo contrário, deve ser pauta dentre os docentes, representantes estudantis e toda comunidade acadêmica.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SEEMANN, Simone; Garcez, Eliane Maria Stuart; Adoecimento psíquico em profissionais da enfermagem. Disponível em: <http://esp.saude.sc.gov.br/sistemas/revista/index.php/inicio/article/view/141>.
2. Silveira J. Brasileiros estão entre os mais estressados do globo. Folha.com, equilíbrio e saúde [on line]. [citado 2010 Set 08]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/766692-brasileiros-estao-entre-os-mais-estressados-do-globo.shtml>
3. Barbosa C, Cerbasi G. Mais tempo, mais dinheiro: Estratégias para uma vida mais equilibrada. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; 2009.
4. Laurell AC, Noriega M. Production process in health: laborer's work and strain. Sao Paulo, Hucitec, 1989.
5. Missel ST. A Saúde geral de profissionais da área hospitalar: uma avaliação comparativa entre grupos com contato direto e indireto com pacientes [dissertação de mestrado]. Canoas (RS): Universidade Luterana do Brasil; 1998. 100 p
6. Vargas D, Dias APV. Prevalência de depressão em trabalhadores de enfermagem de unidade de terapia intensiva: estudo em hospitais de uma cidade do noroeste do Estado São Paulo. Rev. Latino-Am. Enfermagem; 2011
7. De Marco MA. A face humana da medicina: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
8. Selye, H. (1959). Stress, a tensão da vida. São Paulo: Ibrasa - Instituição Brasileira de Difusão Cultural.
9. Lipp, M. e. N. (1984). Stress e suas implicações. Estudos de Psicologia, Campinas, v.1, n.3 e 4, p. 5-19, ago/dez.
10. Formighieri VJ. Burnout em fisioterapeutas: Influência sobre a atividade de trabalho e bem-estar físico e psicológico. Florianópolis; 2003. Mestrado [Dissertação] — Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina

11. Pereira AMTB, Gonçalves MB. Transtornos emocionais e a formação em Medicina: Um estudo longitudinal. *Rev Bras Educ Med.* 2009; 33 (1):10–23
12. Saupe R, Nietche EA, Cestari ME, Giorgi MDM, Krahl M. Qualidade de vida dos acadêmicos de enfermagem. *Rev Latino-am Enfermagem.* 2004; 12(4):636-642.
13. Enns MW, Cox BJ, Sareen J, Freeman P. Adaptive and maladaptive perfectionism in medical students: a longitudinal investigation. *BMC Medical Education.* 2001; 35(11):1034-1042.
14. Alves JGB, Tenório M, Anjos AG, Figueroa JN. Qualidade de vida em estudantes de Medicina no início e final do curso: Avaliação pelo Whoqol-bref. *Rev Bras Educ Méd.* 2010; 34(1):91– 96.
15. Mininel VA, Baptista PCP, Felli VEA. Cargas psíquicas e processos de desgaste em trabalhadores de enfermagem de hospitais universitários brasileiros. *Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet].* mar-abr 2011
16. Zonta R, Robles ACC, Grosseman S. Estratégias de Enfrentamento do Estresse Desenvolvidas por Estudantes de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina. *Rev. Bras. Educ. Med.* 2006; 30 (3):147–153.
17. Ramos-Cerqueira AT, Lima MC. A formação da identidade do médico: implicações para o ensino de graduação em Medicina. *Interface – Comunic, Saúde, Educ.* 2002;6(11):107-16.
18. AGUIAR, Sâmia Mustafa et al. Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. *J. bras. psiquiatr.,* Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, p. 34-38, 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00470852009001000005&lng=en&nrm=iso>
19. MEYER, Carolina et al. Qualidade de vida e estresse ocupacional em estudantes de medicina. *Rev. bras. educ. med.,* Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. 489-498, Dec. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-550220120006000007&lng=en&nrm=iso

20. LIMA, Rebeca Ludmila de et al. Estresse do Estudante de Medicina e Rendimento Acadêmico. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 678-684, Dec. 2016. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400678&lng=en&nrm=iso
21. MORGAN, Henri Luiz et al. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 102-109, Jan. 2017. 21.
22. SILVEIRA, Viviane lunes et al. USO DE PSICOESTIMULANTES POR ACADÊMICOS DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DO SUL DE MINAS GERAIS. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 13, n. 2, p.186-192, 30 out. 2015.
23. Dunker: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/09/quem-e-quem-cj7g8ssdg000401qppbd2pyj8.html>
24. World Health Organization. Ministério da Saúde (BR). A report of the assessment of the mental health system in Brazil using the World Health Organization – Assessment Instrument for Mental Health Systems (WHO-AIMS) [Internet]. Brasília (DF): World Health Organization; 2007 [cited 2017 Jun 13]. 51 p. Available from: http://www.who.int/mental_health/evidence/who_aims_report_brazil.pdf
25. Organización Mundial de la Salud. Plan de acción sobre salud mental 2013-2020 [Internet]. Ginebra: Organización Mundial de la Salud; 2013 [citado 2017 jun 13]. Disponible en: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/97488/1/9789243506029_spa.pdf
26. PRADO, Maria Aparecida Medeiros Barros do; FRANCISCO, Priscila Maria S. Bergamo; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 26, n. 4, p. 747-758, Dec. 2017. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-

- 96222017000400747&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Aug. 2018.
<http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000400007>.
27. ARAGAO, Júlio Cesar Soares; ROSSI, Henrique Rívoli; CASIRAGHI, Bruna. A Jornada do Acadêmico de Medicina - Um Modelo Simbólico da Formação Médica. *Rev. bras. educ. med.*, Brasília, v. 42, n. 1, p. 40-46 Jan 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022018000100040&lng=en&nrm=iso>.
28. CYBULSKI, Cynthia Ajust; MANSANI, Fabiana Postiglione. Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 92-101, Jan. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000100092&lng=en&nrm=iso>.
29. SANTOS, Fernando Silva et al. Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 194-200, jun. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000200194&lng=pt&nrm=iso>.
30. SANTA, Nathália Della; CANTILINO, Amaury. Suicídio entre Médicos e Estudantes de Medicina: Revisão de Literatura. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 772-780, Dec. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400772&lng=en&nrm=iso>.
31. TABALIPA, Fábio de Oliveira et al. Prevalence of Anxiety and Depression among Medical Students. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 388-394, Sept. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000300388&lng=en&nrm=iso>.
32. Del Porto JA. Conceito e diagnóstico de depressão. *Rev Bras Psiquiatr.* 1999; 21 (1):S6-10.

33. PEREIRA, Gisele Araújo et al. Prevalência de Síndromes Funcionais em Estudantes e Residentes de Medicina. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 395-400, Sept. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000300395&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n3e00022014>
34. SILVA, Maria Aparecida Miranda da et al. Percepção dos Professores de Medicina de uma Escola Pública Brasileira em relação ao Sofrimento Psíquico de Seus Alunos. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, p. 432-441, Sept. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000300432&lng=en&nrm=iso>.
35. Muza GM, Betiol H, Mucillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). II - Distribuição do consumo por classes sociais. *Rev Saúde Pública* 1997;31:163-77.
36. Smart RG, Hugs PH, Jonhston ID, Anumonye A, Khant V, Medina-Mora ME et al. A methodology for students drug use surveys. Geneva: World Health Organization; 1980. (WHO - Offset Publication, 50).
37. Barros RS, Almeida SP, Magalhães MP, Silva MTA. Idéias e imagens suscitadas em estudantes universitários numa pesquisa sobre drogas: uma contribuição ao trabalho preventivo. *Boletim de Psicologia* 1992; 42:15-26.
38. LUCAS, Ana Cyra dos Santos et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 663- 671, Mar. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000300021&lng=en&nrm=iso>.
39. SOLDERA, Meire et al. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 38, n. 2, p. 277-283, Apr. 2004. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102004000200018&lng=en&nrm=iso>.

40. Gorenstein C, DeLucia R, Gentil V. Uso de psicoestimulantes e energizantes entre universitários. *Rev Assoc Med Bras* 1983; 29:45-6.
41. Magalhães MP, Barros RS, Silva MTA. Uso de drogas entre universitários: a experiência com a maconha como fator delimitante. *Rev ABP-APAL* 1991; 13:97-104.
42. Boskovitz EP, Cruz ETN, Neto FC, Moraes MS, Netto JVP, Ávila LA, et al. Uso de drogas entre estudantes universitários em São José do Rio Preto, São Paulo. *Rev Bras Psiquiatr* 1995; 22:87-93.
43. Brenes LFV, Hammes MF, Solé MTV, Hein R, Ramil KAA. Drogas ilícitas entre universitários. *Rev AMRIGS* 1986; 30:140-3.
44. Barcellos AP, Paggi AP, Silva DB, Campagnolo MI, Dieterich MDD, Santos RLR, et al. Padrão de consumo de anfetaminas entre universitários de Porto Alegre. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul* 1997; 19:161-9.
45. Kerr-Corrêa F, Andrade AG, Bassit, AZ, Boccuto, NMVF. Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp. *Rev Bras Psiquiatr* 1999; 21:95-100.
46. Mesquita AMC, Bucarechi HA, Castel S, Andrade AG. Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: uso de substâncias psicoativas em 1991. *Rev ABP-APAL* 1995; 17:47-54.
47. Andrade AG, Bassit AZ, Mesquita AM, Fukushima JT, Gonçalves EL. Prevalência do uso de drogas entre alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1991-93). *Rev ABP-APAL* 1995; 17:41-6.
48. Plotnik R, Azmus AD, Tannhauser M, Tannhauser SL. Utilização de psicotrópicos por estudantes universitários. *Pesqui Med (Porto Alegre)* 1986; 20:109-13.
49. Torres AR, Oliveira AM, Azevedo AP, Flores ACF, West ACA, Kleinman A, et al. *Compêndio de Clínica Psiquiátrica*. São Paulo: Manole; 2012. p.296-314.



50. Rozenthal M, Laks J, Engelhardt E. Aspectos neuropsicológicos da depressão. R. Psiquiatr. RS:Revista de Psiquiatria, 26 (2): 204 -212, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v26n2/v26n2a10.pdf>
51. Lage JT. Neurobiologia da Depressão. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. 2009-2010. Disponível em: repositorioaberto.up.pt/bistream/10216/53466/2/Neurobiologia%20da%20depressao.pdf
52. Rezende CH, et al. Prevalência de sintomas depressivos entre estudantes de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais: Revista Brasileira de Educação Médica, 32(3): 315 – 323. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem>
53. Colares MFA. As Fontes de tensão no curso médico:um estudo psicométrico. Ribeirão Preto. 1999. Mestrado [Dissertação]. Universidade de São Paulo. Disponível em:<http://www.bases.bireme.br>
54. Araújo TM, Pinho PS, Almeida MMG. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. Rev Bras Saude Mater Infant. 2005 jul-set;5(3):337-48.
55. Senicato C, Lima MG, Barros MBA. Ser trabalhadora remunerada ou dona de casa associa-se à qualidade de vida relacionada à saúde? Cad Saúde Pública. 2016 ago; 32(8):e00085415.
56. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução MS/CNS n. 338 de 06 de maio de 2004. Aprova a política nacional de assistência farmacêutica [Internet]. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília (DF), 2004 mai 20; Seção I, p. 52 [citado 2017 Abr 13]. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/doc/resolucaocns338/cns.htm>
57. PRADO, Maria Aparecida Medeiros Barros do; FRANCISCO, Priscila Maria S. Bergamo; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 26, n. 4, p. 747- 758, Dec. 2017. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222017000400747&lng=en&nrm=iso>.

58. Baldassin, S. Ansiedade e depressão no estudante de Medicina: Revisão de Estudos Brasileiros. *Cadernos ABEM*, vol. 6, outubro. 2010. Disponível em: http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/56951_6617.pdf
59. Júnior, GAS, Manfro, GG, Cordioli, AV. Transtornos de ansiedade medicina ambulatorial. In: Duncan BB, Schmidt MI, Giugliani ERJ, Duncan MS, Giugliani C. *Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências*. 4. ed. Porto Alegre (RS): Artmed; 2014. p. 1691-718.
60. Lima MCP, Menezes PR, Carandina L, César CLG, Barros MBA, Goldbaum M. Transtornos mentais comuns e uso de psicofármacos: impacto das condições socioeconômicas. *Rev Saúde Pública*. 2008 ago;42(4):717-23.
61. Furtado ES, Falcone E M, Clark C. Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma Universidade do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, 7 (2), p. 43-51, 2003. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/3222/2584>
62. Brandtner M, Bardagi M. Sintomatologia da Depressão e ansiedade em Estudantes de uma Universidade Privada do Rio grande do Sul. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v55n4/a01v55n4.pdf>
63. Rocha FL, Cavestro JM. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v55n4/a01v55n4.pdf>
64. Gorestein C, Andrade L. Inventário de depressão de Beck: propriedades psicométricas da versão em português. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol25/n5/depre255b.htm>
65. Vallilo NG, Júnior RD, Gobbo R, Novo NF, Hubner CVK. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina. Disponível em: files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2011/V9N1/A1720.pdf

66. Fiorotti CP. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de Medicina : prevalência e fatores associados. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v59n1/v59n1a03.pdf>
67. Castro C, Kist C, Deursen FV. Como lidar com a tristeza. Super interessante. São Paulo: Abril; 2013.
68. MILLAN, Luiz Roberto; ARRUDA, Paulo Corrêa Vaz de. Assistência psicológica ao estudante de medicina: 21 anos de experiência. Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v. 54, n. 1, p. 90-94, Feb. 2008 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302008000100027&lng=en&nrm=iso>.
69. SANTOS, Fernando Silva et al. Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 194-200, June 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000200194&lng=en&nrm=iso>.

APÊNDICE

<p> Universidade Federal de Campina Grande Hospital Universitário Alcides Carneiro Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso Título: O Uso de Medicamentos Psicotrópicos por Estudantes de Medicina da UFCG Orientadora: Maria das Graças Loureiro das Chagas Discentes: Eugênio Vilela e Thais Rocha</p> <p>1. Sexo: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino</p> <p>2. Idade: _____ 3. Período em Curso: _____</p> <p>4. Você já residia nesta cidade antes de ingressar no curso? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>5. Você faz ou já fez uso de medicamentos psicotrópicos? (Ex.: Ansiolíticos, Antidepressivos, Antipsicóticos, Estabilizadores de humor, Estimulantes, etc...) <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não (siga para o item 16)</p> <p>6. Qual(is)? Fez: _____ Faz: _____</p> <p>7. Marque abaixo intervalo de tempo em que você fez ou tem feito o uso:</p> <p></p>	<p>8. Frequência de uso (atual ou prévio): <input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Quase diariamente, às vezes esqueço <input type="checkbox"/> Apenas quando preciso <input type="checkbox"/> Outra: _____</p> <p>9. Quem o(s) prescreveu? <input type="checkbox"/> Médico de convívio pessoal <input type="checkbox"/> Psiquiatra <input type="checkbox"/> Neurologista <input type="checkbox"/> Médico generalista ou de outra especialidade <input type="checkbox"/> Iniciei uso por conta própria - Caso tenha sido por conta própria, siga para o item 12</p> <p>10. Você foi informado sobre algum diagnóstico? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>- Se sim, qual? <input type="checkbox"/> Depressão <input type="checkbox"/> Ansiedade <input type="checkbox"/> Estresse <input type="checkbox"/> Fobia <input type="checkbox"/> Transtorno do Déficit de Atenção <input type="checkbox"/> Outro(s): _____</p> <p>11. Foi estipulada a duração do tratamento? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não sei</p> <p>12. Você obteve alguma melhora após o uso deste(s) medicamento(s)? <input type="checkbox"/> Melhorou <input type="checkbox"/> Piorou <input type="checkbox"/> Inalterado</p> <p>13. Você considera/considerava o uso desses medicamentos essenciais para: <input type="checkbox"/> Ter um bom desempenho acadêmico <input type="checkbox"/> Ter boas relações sociais <input type="checkbox"/> Ter uma boa relação consigo próprio <input type="checkbox"/> Conseguir dormir <input type="checkbox"/> Se manter acordado <input type="checkbox"/> Outro(s): _____</p>	<p>14. Você já fez ou faz psicoterapia/análise? <input type="checkbox"/> Sim, faço <input type="checkbox"/> Já fiz, mas não faço no momento <input type="checkbox"/> Não</p> <p>15. A que causa você atribui seu adoecimento psíquico? _____ Se você respondeu "NÃO" no item 5, continue aqui: _____</p> <p>16. Você acha que deveria fazer uso de algum medicamento psicotrópico? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se sim, por qual motivo? _____ _____</p> <p>17. Em algum momento, ao longo do curso, você sentiu a necessidade de procurar ajuda médica ou psicológica devido sintomas como: ansiedade, depressão, insônia, sonolência, dificuldade de concentração, sobrecarga, medo, irritabilidade? <input type="checkbox"/> Sim, mas acabei deixando pra lá <input type="checkbox"/> Sim, procurei ajuda <input type="checkbox"/> Não - Se sim, por qual motivo? _____ _____</p> <p>18. Você já fez ou faz psicoterapia/análise? <input type="checkbox"/> Sim, faço <input type="checkbox"/> Já fiz, mas não faço no momento <input type="checkbox"/> Não</p>
--	--	--

Apêndice 1 – Questionário utilizado para coleta de dados da pesquisa (Autoria própria, 2018).

11. ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO
Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP
Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. CEP: 58107-670.
Tel: 2101 - 5545, E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS POR ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, estudante de curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande, residente e domiciliado na _____, portador da Cédula de identidade, RG _____ e inscrito no CPF _____, nascido(a) em ____/____/____, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo "O Uso de Medicamentos Psicotrópicos por Estudantes de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande". Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como a promessa dos esclarecimentos às dúvidas, por mim apresentadas durante o decorrer da pesquisa.

Estou ciente que:

- 1) O estudo se faz necessário para que se possa gerar uma base de dados a de fim compor parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) "O Uso de Medicamentos Psicotrópicos por Estudantes de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande" que tem como autores os colegas de curso dessa mesma instituição Thaís Rocha Gomes Batista (Matrícula: 113120407) e Eugênio Henrique Vilela Silva (Matrícula: 112220391), orientados pela Professora Doutora Maria das Graças Loureiro das Chagas Campelo e que

Rubrica do pesquisador: _____ Rubrica do participante: _____ Página
1 de 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO
Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP
Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José. CEP: 58107 – 670.
Tel: 2101 – 5545, E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br.

objetiva quantificar a frequência do uso medicamentos psicotrópicos, a exemplo de antidepressivos, ansiolíticos, indutores do sono, estabilizadores do humor, hipnóticos, sedativos, dentre os estudantes de medicina da Universidade Federal de Campina entre os 1º (primeiro) e 12º (décimo segundo) períodos da graduação, e correlacionar o uso dessas medicações com possíveis adoecimentos psíquicos desses estudantes devido suas cargas horárias extensas e exposição ao ambiente de trabalho da saúde.

- II) A participação neste projeto não tem objetivo de me submeter a um tratamento, bem como não me acarretará qualquer ônus pecuniário; Será garantido a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico. Não virá interferir no atendimento ou tratamento médico;
- V) Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- VI) Caso deseje, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa. Estou ciente que receberei uma via deste termo de consentimento;

() Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

IX) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP, do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, situado a Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, CEP: 58401 – 490, Campina Grande-PB, Tel: 2101 – 5545, E-mail:

Rubrica do pesquisador: _____ Rubrica do participante: _____
2 de 2

Página



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO
Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP
Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José. CEP: 58107 – 670.
Tel: 2101 – 5545, E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br.



cep@huac.ufcg.edu.br; ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e à Delegacia Regional de Campina Grande.

Campina Grande - PB, ____ de ____ de 2018.

() Paciente / () Responsável:

Testemunha 1 _____
Nome / RG / Telefone

Testemunha 2 _____
Nome / RG / Telefone

Responsáveis pelo Projeto:

Dra Maria das Graças Loureiro das Chagas Campêlo _____

CRM:

Telefone para contato e endereço profissional:

(83) 99991-8745 – Rua Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José. CEP: 58107 – 670.



Alunos:

Thaís Rocha Gomes Batista (83) 99641-9398

Eugênio Henrique Vilela Silva (83) 99845-7768

Rubrica do pesquisador: _____ Rubrica do participante: _____
3 de 2

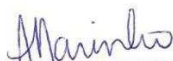
Página

	<p>Universidade Federal de Campina Grande Hospital Universitário Alcides Carneiro Gerência de Ensino e Pesquisa - GEP Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José. CEP: 58400-398</p>	
---	--	--

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA SETORIAL

Eu, Alexandre Magno da Nóbrega Marinho, Coordenador do Setor Coordenação do Curso de Medicina, do Hospital Universitário Alcides Carneiro – HUAC/EBSEH/UFPG, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: O USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS POR ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, que será realizada no setor por mim coordenado, no período de 26/09/2018 a 23/12/2018, tendo como pesquisador(a) coordenador(a) o(a) Prof(a). Dr(a) Maria das Graças Loureiro das Chagas Campelo e orientandos Eugênio Henrique Vilela Silva e Thaís Rocha Gomes Batista.

Campina Grande, 25 de setembro de 2018.



SIAPE 1710256-0
Coordenador do Setor de Curso de Medicina
HUAC/EBSEH

Prof. Dr. Alexandre Magno da N. Marinho
SIAPE 1710256
Coordenador de Graduação Medicina/CCBS
Universidade Federal de Campina Grande



Universidade Federal de Campina Grande
Hospital Universitário Alcides Carneiro
Gerência de Ensino e Pesquisa - GEP
Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José. CEP: 58400-398

EBSERH
HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS FEDERAIS

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, Alana Abrantes Nogueira de Pontes, Gerente de Ensino e Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro – HUAC/EBSERH/UFCG, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: O USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS POR ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, neste hospital, que será realizada no período de 26/09/2018 a 23/12/2018, tendo como pesquisador(a) coordenador(a) o(a) Prof(a). Dr(a) Maria das Graças Loureiro das Chagas Campelo e orientandos Eugênio Henrique Vilela Silva e Thaís Rocha Gomes Batista.

Campina Grande, 06 de 09 de 2018

SIAPE 1024297
Gerente de Ensino e Pesquisa
HUAC/EBSERH/UFCG

Alana Abrantes N. de Pontes
SIAPE 1024297
Gerente de Ensino e Pesquisa
HUAC / UFCG / EBSERH



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO
Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP
Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José. CEP: 58107 – 670.
Tel: 2101 – 5545, E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br.



TERMO DE COMPROMISSO DO(S) PESQUISADOR(ES)

Por este termo de responsabilidade, nós abaixo-assinados, Orientador e Orientando(s) respectivamente, da pesquisa intitulada “O USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS POR ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE”, assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde/ MS e suas Complementares, homologada nos termos do Decreto de delegação de competências de 12 de novembro de 1991, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

Reafirmamos, outros sim, nossa responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de 5 (cinco) anos após o término desta. Apresentaremos sempre que solicitado pelo CEP/HUAC/EBSER (Comitê de Ética em Pesquisas/ Hospital Universitário Alcides Carneiro) ou CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) ou, ainda, as Curadorias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando ainda ao CEP/HUAC/EBSERH, qualquer eventual modificação proposta no supracitado projeto.

Campina Grande, 18 de 09 de 2018

Wanderley dos Santos dos Anjos Lopes
Orientador(a)

Eugênio Henrique Lilela Silva
Orientando

Thais Rocha Gomes Batista
Orientando

	<p>Universidade Federal de Campina Grande Hospital Universitário Alcides Carneiro Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José. CEP: 58400-398 Tel: 2101 – 5548, E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br.</p>	
--	--	--

TERMO DE COMPROMISSO DE DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS

Por este termo de responsabilidade, nós abaixo-assinados, Orientador e Orientando(s) respectivamente, da pesquisa intitulada O USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS POR ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE assumimos o compromisso de:

- Preservar a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados;
- Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
- Assegurar que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão encaminhados para a publicação, com os devidos créditos aos autores.

Campina Grande, 18 de Março de 2018.

Manoel dos Santos Lourenço Chagas
Orientador(a)

Eugênio Henrique Lilela Silva
Orientando

Thaís Rachel Gomes Batista
Orientando

O USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS POR ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Autora: Maria das Graças Loureiro das Chagas Campêlo¹;

Coautores: Eugênio Henrique Vilela Silva²; Thaís Rocha Gomes Batista²

1- Doutora em Medicina e Saúde pela Universidade Federal da Bahia, professora de Neurologia da Unidade Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande, orientadora deste trabalho de conclusão de curso. Contato: gracas.loureiro@bol.com.br

2- Concluintes do curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

O uso de medicamentos psicotrópicos pela população geral tem crescido ao longo dos anos. Dentre os acadêmicos de medicina, grande parte jovens que lidam com diversas mazelas e pressões externas e internas, essa realidade não se mostra diferente. Devido a isso, o estudo buscou delinear quantitativamente o uso de medicamentos psicotrópicos dentre os estudantes de medicina da Universidade Federal de Campina Grande, bem como entender alguns dados sobre esse uso, como a indicação, o prescritor, o tratamento conjunto com psicólogos, alguns dados sobre a população estudada, como gênero, cidade de origem antes de iniciar a faculdade, e um esboço de fatores que poderiam agravar o adoecimento mental ao longo dos doze semestres do curso. Para isso, foi utilizado um questionário autoaplicável e análise estatística simples dos dados colhidos. A amostra foi composta por 354 estudantes, do primeiro ao décimo segundo semestre, sendo 172 do sexo masculino e 182 do sexo feminino. Observou-se uma prevalência de 30% de uso de psicotrópicos entre os estudantes, mais frequente entre mulheres e entre os alunos dos últimos semestres, sendo os antidepressivos os medicamentos citados mais vezes. A maioria dos estudantes que nunca utilizaram psicotrópicos acredita que já precisou de ajuda de um especialista, devido a fatores como ansiedade, estresse e humor deprimido; contudo, os mesmos afirmaram, em maioria, que não procuraram ajuda. Conclui-se que o uso de psicotrópicos entre os estudantes de medicina da Universidade Federal de Campina Grande é alto, e que medidas de promoção de saúde mental dessa população devem ser tomadas pela comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Estudantes de medicina; Uso de medicamentos psicotrópicos; Profissionais de saúde; Adoecimento dos profissionais de saúde.

THE USE OF PSYCHOTROPIC MEDICATIONS BY STUDENTS OF MEDICINE OF THE UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

ABSTRACT

The use of psychotropic medications by the general population has increased over the years, due to several factors triggering mental illness in contemporary times plus abuse and self-medication. Among the medical scholars, largely young people who deal with various ills and external and internal pressures, this reality is not different. Due to this, the study sought to delineate quantitatively the use of psychotropic drugs among the medical students of the Universidade Federal de Campina Grande, as well as to understand some data about such use, such as indication, prescriber, joint treatment with psychologists, some data on the population studied, such as gender, city of origin before starting college, and a sketch of factors that could record mental illness throughout the twelve semesters of the course. For this, a self-administered questionnaire and simple statistical analysis of the data collected were used. The sample consisted of 354 students, from the first to the second semester, with 172 males and 182 females. A prevalence of 30% of psychotropic use among students was observed, more frequent among women and among students of the last semesters, with antidepressants being the drugs most frequently cited. Most students who have never used psychotropic drugs believe they have needed expert help because of factors such as anxiety, stress, and depressed mood; however, the majority said that they did not seek help. It is concluded that the use of psychotropics among medical students of the Federal University of Campina Grande is high, and that measures of mental health promotion of this population should be taken by the academic community.

Keywords: Medical students; Use of psychotropic drugs; Health professionals; Deterioration of health professionals.

INTRODUÇÃO

O século XX encerrou-se trazendo consigo as maravilhas de um mundo movido pela revolução tecnológica, com indústrias e mercados que acionam economias criando mais postos de trabalho, mais consumo de bens e serviços. As predições das pesquisas científicas do século XX apontavam no sentido de que os indivíduos no início século XXI

desacelerariam, fato conseqüente à busca pela qualidade de vida, cuidando da própria ecologia humana, buscando estabilidade emocional, investindo na sua rede de pertencimento a fim de evitar os desgastes provocados pelo modelo social (pós) moderno, bem como reorganizar a vida profissional a fim de evitar os adoecimentos advindos de patologias laborais. No entanto, o homem (pós) moderno permanece vítima das patologias relacionadas ao trabalho, não só por conseqüência de sua ocupação laboral, mas também por não saber lidar com efeitos causados pelo impacto da vida profissional na vida social/pessoal.¹

As cargas de trabalho são elementos que interatuam dinamicamente entre si e o corpo do trabalhador, gerando processos de adaptação que se traduzem em desgaste e estresse para o organismo.² O desgaste que o trabalhador é submetido no ambiente laboral é um dos fatores mais significativos no aparecimento de doenças pautadas em estímulos estressores, vividos nesse ambiente. A literatura aponta que existem correlações entre o desempenho de tarefas e doenças psíquicas, mais precisamente, a depressão.^{3,4} No Brasil, pelo menos 30% da população economicamente ativa já atingiu algum estado de estresse causado por pressão excessiva no seu ambiente laboral, este percentual de profissionais fica atrás somente do Japão (70%) e ultrapassa os Estados Unidos (20%), estado este associado ao desenvolvimento de um conjunto de perturbações orgânicas e psíquicas variadas.^{4,5}

Para Selye (1959), o estresse é uma síndrome caracterizada por um conjunto de reações que o organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que dele exija um esforço para se adaptar.⁶ Já para Lipp (1996), tudo que cause a quebra da homeostase interna, que exija alguma adaptação, pode ser chamado de um estressor.⁷

Os estudantes de medicina encaram o “pesar” da responsabilidade e do estresse antes mesmo de ingressarem nas universidades, ao serem submetidos aos processos seletivos com elevadas pontuações e taxas de concorrências.^{8,9,10} Em busca da aprovação nos processos seletivos, muitos submetem suas pontuações em universidades de diversas regiões do país e findam residindo e transcorrendo o período da graduação longe de familiares e/ou pessoas com as quais mantêm vínculos de afeto, apoio e confiança.^{11,12}

Embora a graduação de medicina não seja, de fato, uma atividade laboral, atrela à formação acadêmica dos estudantes a atuação frequente, senão diária, em locais de atendimentos à saúde como hospitais, unidades básicas de saúde, serviços ambulatoriais, unidades de pronto atendimento, nos quais os discentes passam a ter contato frequente com os enfermos e as diversas questões éticas, burocráticas,

psicológicas, administrativas e de saúde pública que envolvem o processo do adoecer e do cuidar.^{13,14} Estudos apontam que os profissionais da área de saúde são afetados direta e diariamente na convivência e trabalho com os doentes, doenças e os diversos sentimentos neles envolvidos, o que se constitui em um processo desgastante e estressante, fazendo-se necessário a articulação de mecanismos de defesa, conscientes ou não, para que a doença e o sofrimento do outro não interfiram na saúde psíquica e física do trabalhador.^{6, 15, 16} No entanto, nem sempre tais mecanismos são eficazes nos contextos aos quais são submetidos e o trabalhador tende a apresentar alterações principalmente relacionadas ao humor, o qual pode se manifestar depressivo ou irritável.^{17,18}

Os estudantes são submetidos à responsabilidade do cuidar antes mesmo de terem o conhecimento necessário para o fazer¹⁵ e, embora sejam assessorados por profissionais da área que os supervisionam e orientam, o contexto do encarar o sofrimento do outro, somado à vasta quantidade de conhecimento necessário para a resolução do quadro do enfermo e a cobrança do conjunto enfermo-família, resulta em estresse, frustração, ansiedade e auto cobrança excessiva por parte do discente.^{12, 16} Esse leque de sentimentos associado à extensa carga horária imposta pela graduação do curso resulta no desgaste físico e psíquico dos estudantes e, conseqüentemente, no surgimento de distúrbios do humor, do sono, alimentares, dentre tantos outros.^{10, 13, 19}

Diante desse contexto destaca-se a importância da análise dos fatores desencadeantes do adoecimento psíquico dos estudantes de medicina e o possível impacto desses na queda do desempenho acadêmico e qualidade de vida destes,^{20, 21} desencadeando, por sua vez, a necessidade ou abuso indiscriminado do uso de medicações psicotrópicas. Diversos estudos e pesquisas já evidenciam a carga excessiva de estresse vinculada aos acadêmicos de medicina^{11, 13} e o conseqüente abuso de substâncias psicoestimulantes,^{21, 22} outros tantos demonstram a notória associação dos profissionais da área de saúde com doenças psíquicas vinculadas aos desgastes nas profissões,^{5, 7, 10, 12, 15} mas até o momento poucos fazem referência ao adoecer mental dos “graduandos estressados” futuros profissionais da “área desgastante”.

MATERIAIS E MÉTODOS

Se trata de um estudo descritivo e transversal, realizado no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, localizado no

bairro de Bodocongó, e Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC), localizado no bairro São José, ambos situados na cidade Campina Grande, no estado da Paraíba, no período de setembro a dezembro de 2018.

A pesquisa foi realizada com estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande entre os 1^o (primeiro) e 12^o períodos da graduação, todos maiores de dezoito anos, que estavam presentes em sala de aula durante visita dos pesquisadores.

Os dados foram coletados por meio de questionários produzidos pelos autores e impressos para preenchimento manual pelo público alvo do estudo. Os dados colhidos através dos questionários foram distribuídos integralmente em planilha do Excel. Os dados colhidos e processados foram analisados através de estatística simples, de forma a obter valores em porcentagem, a critério dos pesquisadores. Foram confrontadas variáveis que demonstraram maior importância em comparação com a literatura e com os resultados obtidos.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de ética e pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro, recebendo aprovação no parecer de número 3.080.145. No momento do preenchimento do questionário, cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Não há qualquer conflito de interesse. O presente estudo foi realizado com recursos dos próprios pesquisadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram respondidos 358 questionários, sendo 4 excluídos devido à idade dos estudantes ser menor do que 18 anos. Desta forma, a amostra estudada constou de 354 alunos. Dos 354 participantes, 172 (48,6%) eram homens e 182 (51,4%) eram mulheres. A média da faixa etária dos participantes foi de $23,07 \pm 4,0479$ anos. Considerando apenas a amostra do sexo feminino, a média da idade foi de $22,49 \pm 2,9202$ anos. No sexo masculino, a média da idade foi de $23,68 \pm 4,9055$ anos. A frequência dos estudantes quando ao sexo e faixa etária está descrita na Figura 1.

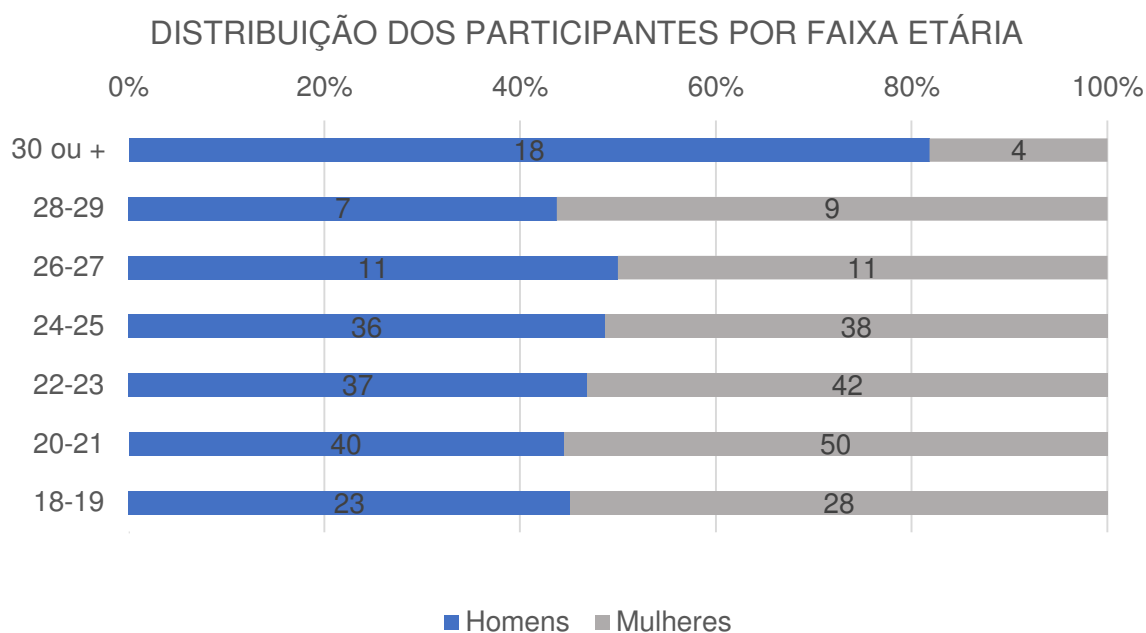


Figura 1 - Distribuição dos participantes por sexo (FONTE: A autoria própria, 2018)

Quanto ao uso de medicamentos psicotrópicos, 248 participantes (70%) afirmaram nunca ter feito uso, enquanto 106 participantes (30%) afirmaram já ter utilizado, ou fazerem uso atualmente. A distribuição entre estudantes que usam e aqueles que não usam psicotrópicos de acordo com o semestre em curso está descrita na Figura 2.

No sexo feminino, a frequência de uso foi de 32,4%, enquanto no masculino foi de 27,3%. Na amostra estudada foi encontrada uma maior frequência do uso de psicotrópicos entre os estudantes na faixa etária dos 20 anos aos 25 anos (74,51%). Foi observada também maior frequência de uso entre os estudantes que residiam em outras cidades antes de iniciar o curso (Figura 3).

Do total de 354 participantes, 106 pessoas afirmaram usarem ou já terem feito uso de pelo menos um medicamento psicotrópico ao longo da vida. As 106 pessoas citaram um total de 206 nomes de remédios ou classes de medicamentos, cerca de 1,94 citações por participante. Dentre os participantes que afirmaram uso houve o mínimo uma citação, e o participante que mais citou medicações, citou um total de 10 nomes diferentes. Os antidepressivos foram os medicamentos mais citados (98 vezes). Na figura 4 estão descritas as principais classes utilizadas, e o número de vezes que cada uma foi citada.

USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS POR SEMESTRE (EM % DE ESTUDANTES)

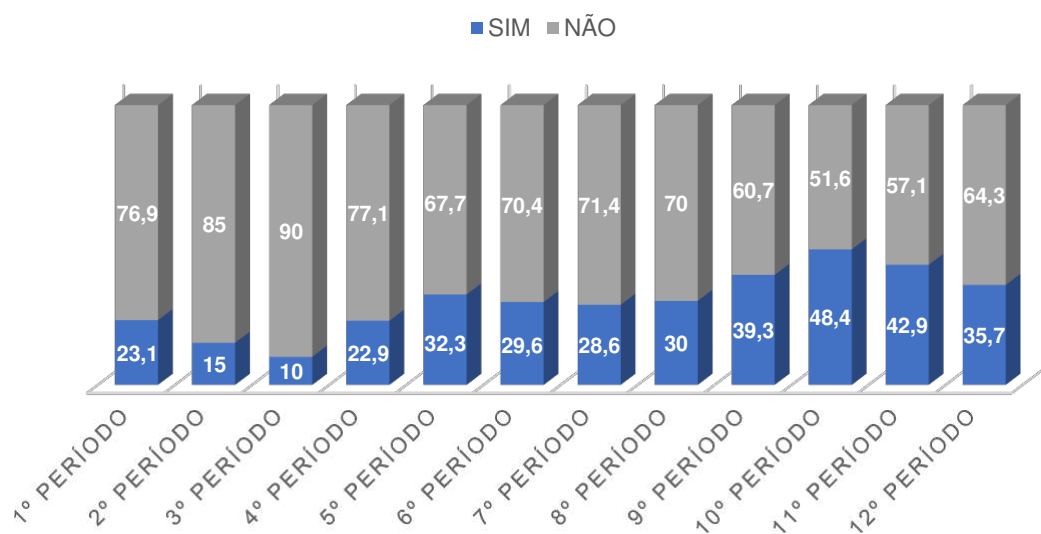


Figura 2 - Uso de medicamentos psicotrópicos por semestre em curso (FONTE: Autoria própria, 2018)

	USA* PSICOTRÓPICOS	NÃO USA* PSICOTRÓPICOS	TOTAL
RESIDIA EM CAMPINA GRANDE ANTES DE INICIAR O CURSO	38 (28,35%)	96 (71,64%)	134 (37,85%)
NÃO RESIDIA EM CAMPINA GRANDE ANTES DE INICIAR O CURSO	68 (30,9%)	152 (60,09%)	220 (62,14%)
TOTAL	106 (29,94%)	248 (70,05%)	354 (100%)

Figura 3 – Distribuição do uso de medicamentos psicotrópicos e a mudança de cidade (FONTE: Autoria própria, 2018)

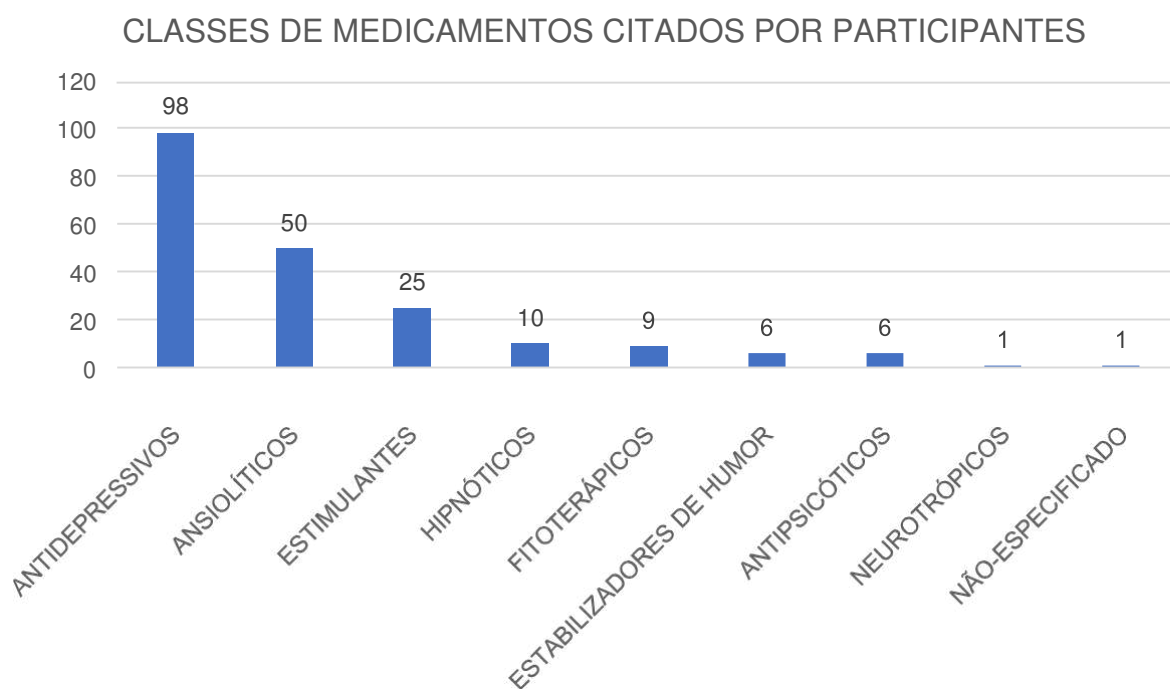


Figura 4 – Distribuição numérica das classes de medicamentos citados pelos participantes (FONTE: Autoria própria, 2018)

Diversos alunos fizeram uso por mais de um período. Alguns alunos já haviam iniciado o uso de medicamentos psicotrópicos antes de iniciar a graduação, e continuaram a fazê-lo ao longo dos anos da faculdade. Observamos que muitos estudantes fizeram uso ao longo de diferentes épocas.

Dos 106 alunos que usam ou já usaram medicamentos psicotrópicos, 58 (54,71%) receberam prescrição de um psiquiatra, 25 (23,58%) se medicaram por conta própria, 11 (10,37%) receberam prescrição de um neurologista, 7 (6,60%) de um médico generalista ou de outra especialidade e 5 (4,71%) receberam prescrição de um médico de convívio pessoal.

Dos 106 participantes que fazem ou fizeram uso de psicotrópicos, 25 se automedicaram e 81 estudantes passaram por um médico antes de iniciar a medicação. Destes, 75 (92,5%) afirmaram que receberam algum diagnóstico, enquanto que, 6 (7,5%) afirmaram que não.

Muitos dos participantes receberam mais de um diagnóstico sindrômico. Os diagnósticos mais frequentes foram de transtornos de ansiedade e transtornos depressivos. Outros diagnósticos sindrômicos referidos pelos estudantes foram: Estresse (10), Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (5), Fobia (4),

Transtorno obsessivo-compulsivo (4) e Espectro autista, Transtorno disfórico pré-menstrual, Sonolência diurna excessiva, Transtorno alimentar, Transtorno bipolar, sendo cada um destes últimos citados por um único participante. Como justificativa para uso de medicamentos psicotrópicos, os diagnósticos não-psiquiátricos de enxaqueca e de dor miofascial apareceram cada um uma vez.

Para aqueles 248 entrevistados que negaram o uso prévio ou atual de medicamentos psicotrópicos (70,05% do total de entrevistados), foram propostos os itens 16, 17 e 18 do questionário usado para a coleta de dados desse presente estudo.

O item 16 questionava ao entrevistado se este acreditava precisar do uso de algum medicamento psicotrópico, embora o uso não fosse realizado. Dos 248 entrevistados, 23% responderam “sim” e para estes foi cedido um espaço para descreverem por extenso o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) acreditavam necessitar desse uso. Ansiedade excessiva, dificuldade de concentração, baixo rendimento, humor deprimido e estresse foram as respostas mais frequentes.

No item 17 foi questionado se em algum momento, ao longo do curso, o entrevistado sentiu a necessidade de procurar ajuda médica ou psicológica devido à sintomas como: ansiedade, depressão, insônia, dificuldade de concentração, sobrecarga, medo, irritabilidade, dentre outros.

Embora 77% dos entrevistados não tenham considerado a necessidade de uso de medicamentos psicotrópicos ao longo da vida acadêmica e/ou durante o período de preparação para o ingresso na universidade, 62,90% referiram já ter sentido a necessidade de procurar ajuda profissional, mas destes apenas 23,71% procuraram ajuda médica ou psicológica de fato.

Nosso estudo traz uma análise de uma escola médica do interior da Paraíba. Os estudos realizados no Brasil, em contrapartida, sobre uso de drogas entre estudantes universitários foram feitos principalmente no Sudeste^{23,24,25} e Sul^{26,27} do país, o mesmo ocorrendo com os estudos que enfocaram estudantes de escolas médicas.^{28,29,30} O curso de graduação em Medicina da Universidade Federal de Campina Grande, implantado em 1968 e reconhecido em 1979, exige a integralização de 485 créditos, entre disciplinas obrigatórias e optativas, cursados ao longo de 12 semestres letivos. Cada crédito corresponde a 15 horas/aula, de modo que o curso totaliza 7.275 horas. Semestralmente, o curso disponibiliza 45 vagas para ingresso de novos alunos, no primeiro semestre.

A prevalência de uso de psicotrópicos encontrada nesse estudo foi de 30%, destacando-se os antidepressivos, ansiolíticos e estimulantes como os mais utilizados. Os resultados revelaram maior prevalência de uso de psicotrópicos entre as mulheres, entre os que não residiam em Campina Grande antes de iniciar o curso, e entre os participantes dos semestres mais avançados do curso.

Os estudantes que ingressam nas Faculdades de Medicina têm um perfil descrito em muitos estudos como competitivos, perfeccionistas, exigentes com eles mesmos e mais susceptíveis a depressão, por não admitirem falhas.^{28,31,32,33} Esse perfil pode ser entendido como um fator de risco para o adoecimento psíquico dos estudantes, e, de fato, os resultados da pesquisa comprovam que os estudantes se sentem cobrados excessivamente, muitas vezes por si próprios. Além disso, ter uma boa relação consigo mesmo e ter um bom desempenho acadêmico foram os dois itens mais apontados para justificar o uso dos medicamentos psicotrópicos.

No entanto, esse perfil, isoladamente, não é capaz de explicar o uso de psicotrópicos pelos estudantes. Atualmente, a maior parte dos pesquisadores considera que o uso de drogas por estudantes não é causado por um único fator, mas por uma combinação de vários deles, tais como os genéticos, psicológicos, familiares, socioeconômicos e culturais. Assim, entende-se que o uso e a dependência de drogas são fenômenos bastante complexos que não podem ser reduzidos a uma faceta da dimensão biológica, psicológica ou social.³⁴

O maior uso de psicotrópicos pelas estudantes de medicina em comparação com seus colegas do sexo masculino reflete uma realidade mais abrangente. No Brasil, mudanças consideráveis no papel da mulher na sociedade, tais como o acúmulo de tarefas decorrentes da realização de atividade profissional – em função do aumento da participação no mercado formal de trabalho –, além do cuidado da família e do domicílio, podem ter contribuído para ampliar os problemas de saúde mental na população feminina.^{34, 35} É interessante observar, que apesar das conquistas femininas avançarem ao longo da história, o número de estudantes do sexo feminino com mais de 30 anos é, expressivamente menor que o de homens. Talvez, isso esteja atrelado ao fato de homens com família já constituídas ainda buscarem o ensino superior, enquanto as mulheres com família já constituída enfrentam maiores desafios para lidar com o curso e a família, simultaneamente. Isso é notório, pois em todas as faixas etárias do estudo, o número de mulheres foi maior que o de homens, exceto após os trinta anos, onde os homens ultrapassam: enquanto 18 homens com mais de 30 anos estão na faculdade de

medicina, existem apenas 4 mulheres na mesma faixa etária, de acordo com os dados desse estudo.

No Brasil, desde 2004, com a implementação da Política Nacional de Assistência Farmacêutica, observa-se uma ampliação no acesso a medicamentos, buscando-se garantir seu uso racional.³⁶ Medicamentos psicotrópicos são importantes para o tratamento do sofrimento humano; porém, seu uso não deve ser isolado e sim integrado a um cuidado mais amplo, com maior interface entre a farmacoterapia e a psicoterapia, para um tratamento mais eficaz.³⁷ Nesse estudo, observamos que 223 estudantes nunca fizeram psicoterapia, enquanto 248 nunca fizeram farmacoterapia. Isso mostra que é mais comum o estudante procurar um tratamento não farmacológico, inicialmente. Contudo, foi observado que 37 alunos dentre os 106 que usam psicotrópicos, nunca fizeram psicoterapia. Enquanto 62 alunos dentre os 248 que não usam psicotrópicos, fazem psicoterapia. E que apenas 69 alunos usaram a combinação das duas terapias, o que podemos considerar um número pequeno, dada a maior acessibilidade aos serviços de saúde que se espera da população estudada. Dessa forma, faz-se necessário destacar a importância dos problemas de saúde mental na atenção à saúde da população universitária, adotando-se medidas para minimizar a morbidade e ampliar o uso racional desse grupo de medicamentos.

Determinados períodos do curso são referidos como mais favoráveis ao surgimento de transtornos do humor. O estudante de Medicina passa por basicamente três fases psicológicas³³ ao longo do curso médico: a primeira fase corresponde a felicidade inicial, resultado do ingresso na Universidade, da conquista de um sonho; a segunda corresponde a frustração, decorrente de toda a cobrança experimentada no curso, na mudança de hábitos e às vezes no desempenho insatisfatório nas disciplinas (no nosso estudo, verificou-se que muitos estudantes se queixam da quantidade de conteúdo das disciplinas); a terceira fase é representada pelo internato composto por um período de adaptação e ao mesmo tempo de preocupação com competição pelas vagas da residência médica, foi nessa terceira fase que nosso estudo evidenciou maior uso de psicotrópicos.

Apesar de ser um estudo transversal, e, como tal, não possibilitar atribuição de causalidade ou consequência³⁸ às associações encontradas, por analisar desfecho e exposição simultaneamente, entendemos a importância do estudo por apontar as direções nas quais os fatores preditivos se associam com o desfecho estudado: o adoecimento psíquico do estudante de medicina.

CONCLUSÃO

O total de estudantes que participaram da pesquisa, distribuídos entre todos os semestres do curso de medicina da Universidade Federal de Campina Grande, permitiu fazer uma análise bem representativa do uso de medicamentos psicotrópicos. Verificou-se que 30% dos acadêmicos usam ou já usaram medicamentos psicotrópicos. Em termos gerais, a frequência de alunos que utilizam essas medicações é diretamente proporcional ao período em curso. Foi observado também que a frequência é maior entre as mulheres e os estudantes que residiam em outras cidades antes de ingressar na faculdade. As drogas mais utilizadas são os antidepressivos, e, a maioria dos estudantes começou o uso após consulta psiquiátrica.

O estudo ainda revelou que até entre os estudantes que não fazem uso de psicotrópicos, a necessidade dessa utilização é acreditada, bem como a necessidade de ajuda médica/psicológica também foi referida, apesar de que, a maioria dos estudantes não se preocuparam em, de fato, procurar essa ajuda.

Os fatores de adoecimento psíquico atrelados à universidade e a autocobrança foram os mais frequentes. A quantidade de estudantes que fazem ou já fizeram psicoterapia foi maior que a quantidade de estudantes que se submetem a farmacoterapia, contudo, muitos estudantes vivenciam essas abordagens de forma isolada, e a minoria utilizou-se da combinação de psicoterapia e farmacoterapia.

Estudos como este tentam promover a reflexão acerca da saúde mental dos futuros médicos, cuja carreira começa a ser desenhada ainda na adolescência. Os vestibulares concorridos, as pressões familiares e a necessidade de autoafirmação levam o estudante, ainda muito jovem, a se privar de diversos prazeres para atingir um objetivo maior: o ingresso no curso de Medicina. A conquista de uma vaga na universidade, porém, não encerra as angústias desse estudante. Por isso, o uso de medicamentos psicotrópicos entre os estudantes de Medicina tem crescido e merece atenção, com o objetivo de fornecer uma assistência estudantil capaz de suprir as demandas desses jovens. A promoção de saúde mental do futuro médico não pode ser negligenciada. Pelo contrário, deve ser pauta dentre os docentes, representantes estudantis e toda comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SEEMANN, Simone; Garcez, Eliane Maria Stuart; Adoecimento psíquico em profissionais da enfermagem. Disponível em: <http://esp.saude.sc.gov.br/sistemas/revista/index.php/inicio/article/view/141>.
2. Silveira J. Brasileiros estão entre os mais estressados do globo. Folha.com, equilíbrio e saúde [on line]. [citado 2010 Set 08]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/766692-brasileiros-estao-entre-os-mais-estressados-do-globo.shtml>
3. Barbosa C, Cerbasi G. Mais tempo, mais dinheiro: Estratégias para uma vida mais equilibrada. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; 2009.
4. Laurell AC, Noriega M. Production process in health: laborer's work and strain. Sao Paulo, Hucitec, 1989.
5. Missel ST. A Saúde geral de profissionais da área hospitalar: uma avaliação comparativa entre grupos com contato direto e indireto com pacientes [dissertação de mestrado]. Canoas (RS): Universidade Luterana do Brasil; 1998. 100 p
6. Vargas D, Dias APV. Prevalência de depressão em trabalhadores de enfermagem de unidade de terapia intensiva: estudo em hospitais de uma cidade do noroeste do Estado São Paulo. Rev. Latino-Am. Enfermagem; 2011
7. De Marco MA. A face humana da medicina: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
8. Selye, H. (1959). Stress, a tensão da vida. São Paulo: Ibrasa - Instituição Brasileira de Difusão Cultural.
9. Lipp, M. e. N. (1984). Stress e suas implicações. Estudos de Psicologia, Campinas, v.1, n.3 e 4, p. 5-19, ago/dez.
10. Formighieri VJ. Burnout em fisioterapeutas: Influência sobre a atividade de trabalho e bem-estar físico e psicológico. Florianópolis; 2003. Mestrado [Dissertação] — Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina
11. Pereira AMTB, Gonçalves MB. Transtornos emocionais e a formação em Medicina: Um estudo longitudinal. Rev Bras Educ Med. 2009; 33 (1):10–23
12. Saupe R, Nietzsche EA, Cestari ME, Giorgi MDM, Krahl M. Qualidade de vida dos acadêmicos de enfermagem. Rev Latino-am Enfermagem. 2004; 12(4):636-642.
13. Enns MW, Cox BJ, Sareen J, Freeman P. Adaptive and maladaptive perfectionism in medical students: a longitudinal investigation. BMC Medical Education. 2001; 35(11):1034-1042.

14. Alves JGB, Tenório M, Anjos AG, Figueroa JN. Qualidade de vida em estudantes de Medicina no início e final do curso: Avaliação pelo Whoqol-bref. Rev Bras Educ Méd. 2010; 34(1):91– 96.
15. Mininel VA, Baptista PCP, Felli VEA. Cargas psíquicas e processos de desgaste em trabalhadores de enfermagem de hospitais universitários brasileiros. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. mar-abr 2011
16. Zonta R, Robles ACC, Grosseman S. Estratégias de Enfrentamento do Estresse Desenvolvidas por Estudantes de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina. Rev. Bras. Educ. Med. 2006; 30 (3):147–153.
17. Ramos-Cerqueira AT, Lima MC. A formação da identidade do médico: implicações para o ensino de graduação em Medicina. Interface – Comunic, Saúde, Educ. 2002;6(11):107-16.
18. AGUIAR, Sâmia Mustafa et al. Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. J. bras. psiquiatr., Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, p. 34-38, 2009. Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00470852009000100005&lng=en&nrm=iso>
19. MEYER, Carolina et al. Qualidade de vida e estresse ocupacional em estudantes de medicina. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. 489-498, Dec. 2012. Available from
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000600007&lng=en&nrm=iso
20. LIMA, Rebeca Ludmila de et al. Estresse do Estudante de Medicina e Rendimento Acadêmico. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 678-684, Dec. 2016. Available from
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400678&lng=en&nrm=iso
21. MORGAN, Henri Luiz et al. Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 102-109, Jan. 2017. 21.
22. SILVEIRA, Viviane Iunes et al. USO DE PSICOESTIMULANTES POR ACADÊMICOS DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DO SUL DE MINAS GERAIS. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 13, n. 2, p.186-192, 30 out. 2015.

23. Dunker: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/09/quem-e-quem-cj7g8ssdg000401qppbd2pyj8.html>
24. World Health Organization. Ministério da Saúde (BR). A report of the assessment of the mental health system in Brazil using the World Health Organization – Assessment Instrument for Mental Health Systems (WHO-AIMS) [Internet]. Brasília (DF): World Health Organization; 2007 [cited 2017 Jun 13]. 51 p. Available from: http://www.who.int/mental_health/evidence/who_aims_report_brazil.pdf
25. Organización Mundial de la Salud. Plan de acción sobre salud mental 2013-2020 [Internet]. Ginebra: Organización Mundial de la Salud; 2013 [citado 2017 jun 13]. Disponible en: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/97488/1/9789243506029_spa.pdf
26. PRADO, Maria Aparecida Medeiros Barros do; FRANCISCO, Priscila Maria S. Bergamo; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 26, n. 4, p. 747-758, Dec. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222017000400747&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Aug. 2018. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000400007>.
27. ARAGAO, Júlio Cesar Soares; ROSSI, Henrique Rívoli; CASIRAGHI, Bruna. A Jornada do Acadêmico de Medicina - Um Modelo Simbólico da Formação Médica. *Rev. bras. educ. med.*, Brasília, v. 42, n. 1, p. 40-46 Jan 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022018000100040&lng=en&nrm=iso>.
28. CYBULSKI, Cynthia Ajust; MANSANI, Fabiana Postiglione. Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 92-101, Jan. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000100092&lng=en&nrm=iso>.
29. SANTOS, Fernando Silva et al. Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 194-200, jun. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000200194&lng=pt&nrm=iso>.

30. SANTA, Nathália Della; CANTILINO, Amaury. Suicídio entre Médicos e Estudantes de Medicina: Revisão de Literatura. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 772-780, Dec. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400772&lng=en&nrm=iso>.
31. TABALIPA, Fábio de Oliveira et al. Prevalence of Anxiety and Depression among Medical Students. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 388-394, Sept. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000300388&lng=en&nrm=iso>.
32. Del Porto JA. Conceito e diagnóstico de depressão. *Rev Bras Psiquiatr.* 1999; 21 (1):S6-10.
33. PEREIRA, Gisele Araújo et al. Prevalência de Síndromes Funcionais em Estudantes e Residentes de Medicina. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 395-400, Sept. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000300395&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n3e00022014>
34. SILVA, Maria Aparecida Miranda da et al. Percepção dos Professores de Medicina de uma Escola Pública Brasileira em relação ao Sofrimento Psíquico de Seus Alunos. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, p. 432-441, Sept. 2017.
35. Muza GM, Betiol H, Mucillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). II - Distribuição do consumo por classes sociais. *Rev Saúde Pública* 1997;31:163-77.
36. Smart RG, Hugs PH, Jonhston ID, Anumonye A, Khant V, Medina-Mora ME et al. A methodology for students drug use surveys. Geneva: World Health Organization; 1980. (WHO - Offset Publication, 50).
37. Barros RS, Almeida SP, Magalhães MP, Silva MTA. Idéias e imagens suscitadas em estudantes universitários numa pesquisa sobre drogas: uma contribuição ao trabalho preventivo. *Boletim de Psicologia* 1992; 42:15-26.
38. LUCAS, Ana Cyra dos Santos et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 663-671, Mar. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000300021&lng=en&nrm=iso>.